



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

José Antonio Guerra Paz

**A casa nobre e senhorial
no norte de Portugal e na Galiza.**
Relações, evolução e reabilitação.

Tese defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona do Porto no dia
14/12/2016, perante o júri seguinte:

Presidente: **Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho**
Arguente: **Sidh Daniel Losa Mendiratta**
Orientador: **João Carlos Martins Lopes dos Santos**

José Antonio Guerra Paz A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza.



www.ulp.pt

ULP | 2016

Dezembro 2016

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

José Antonio Guerra Paz

**A casa nobre e senhorial
no norte de Portugal e na Galiza.**
Relações, evolução e reabilitação.

Tese defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona do Porto no dia
14/12/2016, perante o júri seguinte:

Presidente: **Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho**
Arguente: **Sidh Daniel Losa Mendiratta**
Orientador: **João Carlos Martins Lopes dos Santos**

Dezembro 2016

Agradecimentos

Primeiro, gostaria de agradecer ao professor João Carlos dos Santos pelos seus conselhos e a sabedoria sobre reabilitação e arquitetura em geral.

Também a minha família, a minha mãe pelo suporte e paciência ao longo dos anos e a meu irmão pela ajuda com o processo de documentação para a presente tese.

Especialmente agradeço a minha namorada a sua ajuda em tudo o processo da tese e suporte nos últimos anos. Sem ela esta tese não seria possível.

Resumo

Partilhando não só um espaço geográfico, Galiza e Portugal também partilham séculos de relações comerciais e culturais. Isto também tem a sua correspondência na arquitetura onde o longo dos séculos a ambos lados do rio Minho foi evoluindo a tipologia de casa senhorial, que é a que nos interessa para este estudo.

A sua origem partilhada, a análise de exemplos e tipologias, a sua situação atual e a metodologia para a reabilitação a traves do Palacete da Quinta da Conceição são os pontos a desenvolver nesta tese de mestrado. O seu interesse radica no facto de haver muita informação mas não relação. É imensa a bibliografia que achamos a cada lado da fronteira, mas o objetivo desta tese e levantar uma linha que sempre foi mais fraca do que outras fronteiras

Abstract

Galicia and Portugal do not only share a geographic space, but also centuries of a common history of commercial and cultural relations. This also happens in architecture. Through the years the typology of the manor house evolved, the one that concerns our study, evolved and changed on the both sides of the Minho river.

The points for development on this thesis are: the common origin, the analysis of different examples and typologies, , their actual situation and the methods for a hypothetical renovation through the example of the Palacete da Quinta da Conceição.

The interest of this thesis settles on the existence of huge amount of information, but no relation. The bibliography that we could find on each side of the border is really big, but the purpose of this thesis is to lift that border, a border weaker than other frontiers.

Palavras-Chave

Arquitetura; casa senhorial; reabilitação; paço; Galiza; Portugal.

Sumário

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Palavras-Chave.....	iv
1. Introdução.	
1.1 Aproximação à situação da arquitetura senhorial na Galiza e no norte de Portugal	3
1.2 Definição do âmbito geográfico e histórico	5
2. A origem da casa senhorial.	
2.1 A torre medieval.....	9
2.2 O Barroco e a figura de Nasoni em Portugal.....	15
3. Tipologias e exemplos de casas senhoriais.	
3.1 O paço, a quinta, o palácio, o solar, a torre e a casa.....	19
3.2 Galiza	
3.2.1 O Paço de Sistallo	23
3.2.2 O Paço de Tor	27
3.2.3 O Paço de Oca	32
3.2.4 Torres do Allo	38

3.3 Portugal	
3.3.1 Palácio de Mateus	43
3.3.2 Casa de Vale de Flores	52
3.3.3 Palácio do Freixo	55
3.3.4 Casa da Prelada	63
 4. Reabilitação. O caso do palacete da Quinta da Conceição.	
4.1 O Palacete	73
4.2 A proposta	79
 5. Conclusões. Características comuns e diferenças	89
 Referências	93
 Anexos	
Cronologia	97
 Índice e créditos de figuras.....	99

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Capítulo 1:

Introdução

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

1.1 Aproximação a situação da arquitetura senhorial na Galiza e no Norte de Portugal.

Na relação histórica entre a Galiza e o norte de Portugal há um ponto em comum no campo da arquitetura que é muito claro sobre a origem partilhada e a evolução paralela que sofreram ambas as regiões, é a arquitetura senhorial.

A sua origem está nas torres medievais dos senhores feudais, e depois da separação do Reino de Galiza, a criação do Condado de Portugal, e posteriormente, o Reino de Portugal, evoluíram por caminhos muito semelhantes, não só arquitetonicamente mas também historicamente.

Sucederam-se acontecimentos que privaram estes senhores feudais dos seus privilégios e isso mudou as suas necessidades a nível da arquitetura, tanto na Galiza como em Portugal. É igualmente nesta altura quando, por questões sócio-económicas, a arquitetura senhorial alcança o seu máximo esplendor, coincidindo com o desenvolvimento da arquitetura Barroca.

A pesar dos fatos históricos, da proximidade geográfica, de partilharem as duas línguas a origem vernácula do galaico-português, e sobretudo, do orgulho que os estudiosos da arquitetura têm por estas tipologias nas duas regiões (isto traduz-se num imenso numero de publicações), são raros ou inexistentes os estudos sobre as relações destas tipologias. Só na sucinta nota de George Kubler se faz referência :

*“Los “pazos” (palacios) de los pueblos gallegos y de la comarca se hallan íntimamente emparentados con las tradiciones portuguesas, igual que la lengua vernácula y que la arquitectura domestica con las otras provincias del norte de España.”*¹

1 “Os paços (palácios) das vilas galegas e da região acham-se estreitamente ligados com as tradições portuguesas, da mesma forma que a língua vernácula e que a arquitetura domestica com as das outras províncias do norte de Espanha” Tradução do autor.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

O tema desta tese surgiu a partir do trabalho desenvolvido na cadeira de Projeto no quinto ano, na opção de reabilitação. Trata-se da remodelação de uma pequena casa senhorial do século XIX, o palacete da Quinta da Conceção, onde está atualmente instalada a Guarda Nacional Republicana em Leça da Palmeira, e a sua adaptação para escola de música.

1.2 Definição do âmbito geográfico e histórico:

Mesmo sendo regiões muito semelhantes em vários aspetos, a Galiza e o Norte de Portugal têm varias diferenças, como aa de pertencer a regiões administrativas de países diferentes.

Na Galiza foi fundamental para o desenvolvimento cultural o Caminho de Santiago, o qual levou para lá a arte do românico e fez uma importante conexão com a Europa na época medieval. De fato foi uma relação de ida e volta, já que por volta do século XII o galego era a língua a que os poetas e trovadores recorriam para escrever.

Do outro lado, Portugal sempre ficou mais aberto ao mar e geriu melhor do que a Galiza a sua situação na margem da Europa nos séculos do Renascimento e do Barroco.

A província romana de Galécia (Gallaecia em latim) abrangia não só a atual Galiza e Astúrias, mas também o norte do atual Portugal, com a cidade de Portucale (Porto) sob a administração de Bracara Augusta (Braga). Após a queda do Império Romano, Galécia passou a formar o Reino Suevo. Parece então um bom critério para designar uma área de influência mútua, Galiza e o Norte de Portugal, e podemos colocar o rio Douro como um limite aproximado para o caso de estudo atual.

A área em que a relação entre as duas regiões fica muito clara é na fronteira, na chamada Raia, na bacia do Minho, onde ao longo dos séculos se desenvolveu um intercâmbio cultural e comercial.



Figura 1. A província romana de Galécia

Definido o espaço, falta definir o intervalo temporal do estudo, e para esta tipologia a época de maior esplendor nas duas regiões foi o Barroco, especialmente em Portugal com a figura de Nicolau Nasoni, que aportou novos elementos e é o autor de muitos dos melhores exemplos. O desenvolvimento e evolução da tipologia abrange desde o medievo com as torres de menagem até o século XIX, quando começa a sua desapareição.

A estrutura do trabalho pretende ser uma evolução ou acompanhamento no tempo desta tipologia, passado, presente e futuro:

No passado, com a origem da tipologia e evolução até chegar ao que hoje conhecemos como casa senhorial, e a história de cada casa a estudar, presente, com a situação atual e o estado dos edifícios e futuro com a perspetiva da reabilitação, que pode dar uma nova vida às casas.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Capítulo 2:

A origem da casa senhorial.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

2.1 A torre medieval.

Nos últimos tempos do Império Romano, chegaram as invasões dos Suevos à antiga província romana de Gallaecia, que abrange o território até ao rio Douro, coincidindo com a área de estudo da atual tese. Posteriormente, chegaram as invasões dos godos e dos árabes. Foi no ano 868 que se estabeleceu o Condado Portucalense no Reino de Galiza, com Vímara Perez e que dá origem à formação de Portugal como nação. O norte da península ibérica ficou sob a influência do Reino de León, e mediante alianças por casamentos abrangeu a Galiza, o Norte de Portugal e Castela. Foi só aquando do torneio de Arcos de Valdevez(1140-1141) e depois com o tratado de Zamora no ano 1143 que Portugal logrou conquistar a sua independência.

Após estes factos os caminhos de Portugal e Galiza percorreram vias distintas, e só recentemente se produziu um aproximação e uma procura de semelhanças e relações.

Os especialistas coincidem em atribuir a origem da casa senhorial, tanto em Portugal como na Galiza, a uma tipologia anterior que foi evoluindo por razões sociais, históricas e políticas. Estas trocas trouxeram consequências em todos os planos. Mudaram a sua localização, a relação com o terreno circundante. A configuração espacial no interior também evoluiu. Em consequência com estas trocas, o papel a desenvolver na sociedade em termos de representatividade também mudou.

A tipologia original é a da torre medieval ou torre de menagem. As primeiras foram construídas com um básico objetivo militar de defesa do território perante as invasões estrangeiras ou dos piratas. No interior, as disputas territoriais entre senhores foram o objetivo do seu levantamento. Como tal, foram pensadas de forma a garantir a segurança e o controlo sobre o território e colocadas em pontos estratégicos que costumavam ficar elevados.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

A sua arquitetura era muito simples: poucos buracos, os imprescindíveis, ou menos, para a entrada de luz de forma a garantir tanto a solidez estrutural frente aos ataques quanto o isolamento; uma estância por andar, sem divisões, e em raras vezes mais de três andares. Segundo Azevedo & Dias:

“Entre todas estas construções surgiu, durante o século XI a torre de menagem, de planta quadrada ou retangular, que desempenhava papel especialmente importante: era a parte mais permanente e segura, e que rapidamente se generalizou na Europa, particularmente na primeira metade do século XII”

Temos exemplos de torres medievais na Galiza: Torre do Castro (O Castro de Valdeorras, Ourense), Castelo de Doiras (A Ponte de Doiras, Lugo), Torre da Homenagem da Fortaleza de Monforte (Monforte de Lemos, Lugo) ou a Torre de Andrade (Pontedeume, A Corunha).



Figura 2. Torrão dos Andrade, Pontedeume, Galiza



Figura 3. Torre de Melgaço, Portugal

Em Portugal temos alguns exemplos como a Torre de Melgaço em Melgaço, distrito de Viana do Castelo, Torre de Quintela no distrito de Vila-Real, a Torre de Azevedo em Lama, distrito de Barcelos, ou a Torre de Lanhelas em Caminha, distrito de Viana do Castelo.

A origem desta tipologia fica a dever-se a uma evolução face a um conceito mais doméstico e confortável da antiga torre medieval fortificada. É mesmo na região do Alto Minho onde surgem os primeiros exemplos, segundo Azevedo e Dias. Ao redor de esta torre surgiram novas dependências para fazer do que antigamente era posto de vigilância sob os domínios do senhor feudal um lar com carácter doméstico e nobre.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

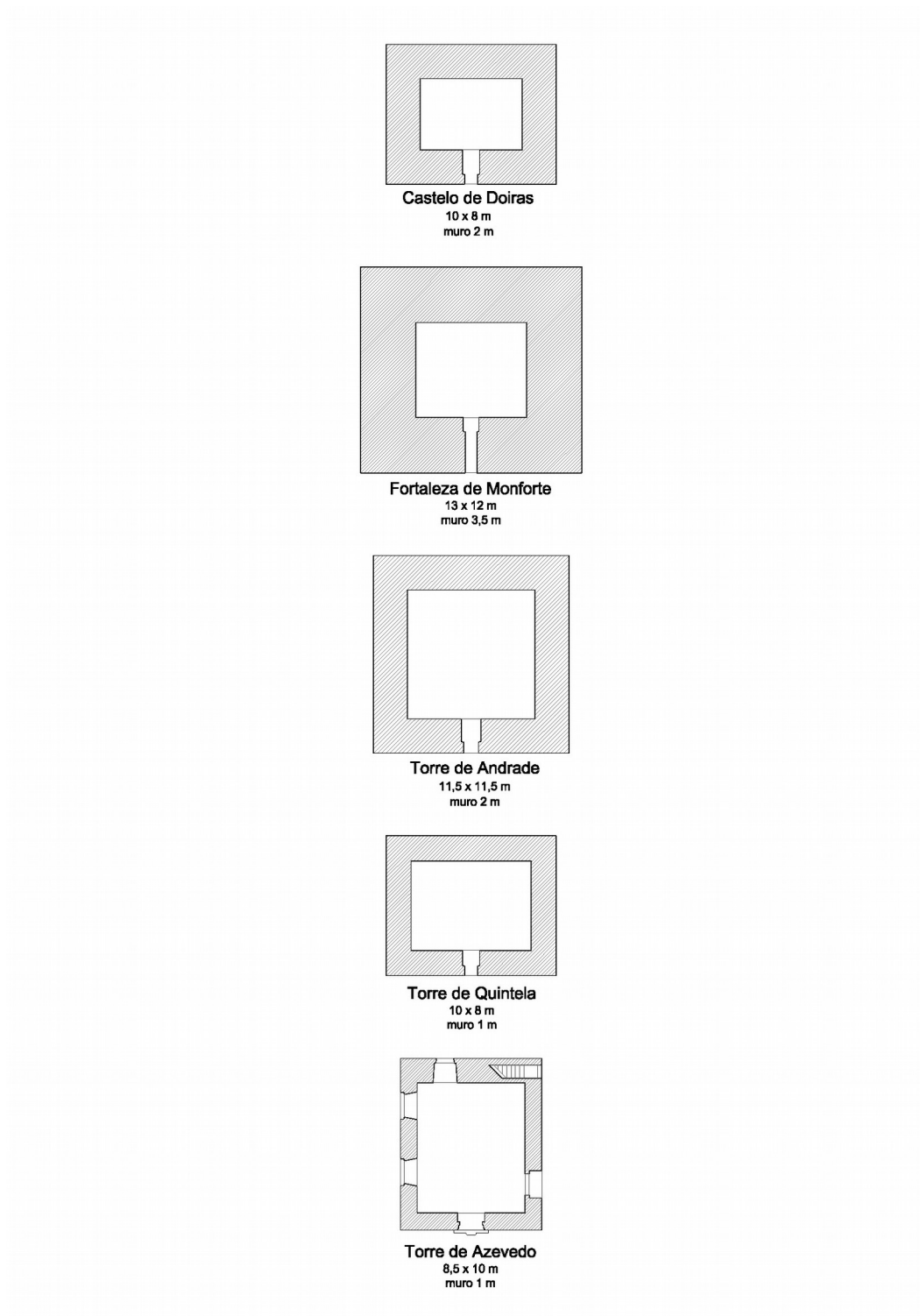


Figura 4. Plantas das torres.

Nesta história paralela de duas regiões separadas por uma fronteira há um ponto essencial para a evolução da tipologia de torre medieval face à casa senhorial, e é a perda dos privilégios que muitos dos senhores feudais tinham sobre um determinado território. Na Galiza aconteceram as Revoltas Irmandinhas, e em Portugal as expropriações dos reis D. Dinis e seu filho aos senhores feudais decorrentes das fugas à cobrança de impostos.

As Revoltas Irmandinhas tiveram lugar num especial ponto da história da Galiza, já dependente do Reino de Castela desde o ano 1230 no que se uniram o Reino de Castela e o de León por aliança por casamento, e que naquele momento estava a sofrer uma guerra civil. As epidemias, a fome, e sobretudo, os abusos dos senhores feudais provocaram o esgotamento do povo e tiveram uma primeira tentativa em 1431 com a Irmandade Fusquenlla nas terras do senhor de Andrade.

Uns anos depois aconteceu a Grande Guerra Irmandinha (1467-1469) que foi considerada uma autêntica guerra civil pela quantidade de estratos sociais que abrangeu. Por um lado, o exército Irmandinho era formado por camponeses, gente da cidade, baixa nobreza, fidalgos, e mesmo pessoas do clero. Pelo outro lado, nobres e senhores, donos de castelos e fortalezas e pessoas que receberam encomendas ou trabalhos das principais igrejas e mosteiros.

Os Irmandinhos destruíram cerca de 130 castelos, torres e fortalezas, e as famílias Lemos, Andrade, Soutomaior e Moscoso foram os seus principais alvos. Algumas famílias fugiram para Portugal ou Castela até que no ano 1469 Pedro Madruga restabeleceu a ordem e reconquistou a Galiza para os senhores feudais. Já no final do século, os Reis Católicos foram conscientes de que era preciso limitar o poder que estes senhores tinham sobre o povo e ordenaram a demolição da maior parte destas torres, para redirecionar a situação para um modelo mais centralizado.

Isto levou a uma evolução da tipologia da residência destes senhores, que agora já não se baseava puramente em critérios defensivos e de controlo sobre o território, se não também na procura de conforto e pragmatismo. Já não havia a necessidade que a torre fique elevada para proteger-se ou vigiar o espaço circundante ou estabelecer o domínio do senhor sobre as terras. Pôde então começar uma outra relação com a paisagem.

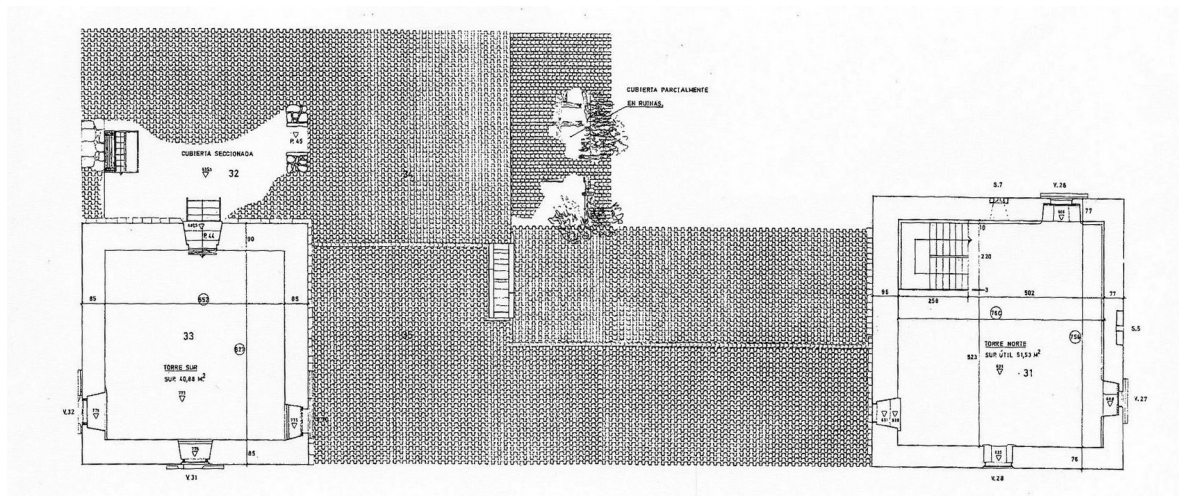


Figura 5. Torres do Allo

Começaram então a surgir anexos às torres que ficaram em pé, já que a organização destas era muito simples e já não faziam sentido para desenvolver nelas um modo de vida mais confortável, o que as levou a uma organização espacial mais complexa. No começo foram consideradas casas fortificadas, já que ainda ficaram por resolver disputas entre senhores, mas depois o fim das revoltas e das guerras entre senhores tornaram inútil a sua fortificação.

2.2 O Barroco e a figura de Nasoni em Portugal.

Os anos dourados desta tipologia decorrem entre o século XVI e XIX, com o surgimento da burguesia, o comércio, o crescimento das cidades e a necessidade nestas de alimentos e produtos do campo. Surgem novos tipos de casa senhorial, orientados mais para a produção agrícola e a relação com o campo e a natureza. Os senhores podem morar no campo ou na cidade, surgem então muitas casas senhoriais como segunda residência e como sustento alimentar e económico das famílias.

No norte de Portugal houve um importante acontecimento, a chegada em 1725 ao Porto do arquiteto italiano Nicolau Nasoni. Sob a influência da família Távora no começo, iria desenvolver em toda a região do Norte de Portugal, sobretudo na cidade do Porto, inúmeros projetos que trouxeram um novo ponto de vista sobre a tipologia da casa senhorial portuguesa, trazendo a sua formação no Barroco Italiano e as cenografias paisagísticas de carácter teatral.

Quase todos os projetos importantes desta época no Norte de Portugal são da autoria de Nasoni, ou ficaram sob a influência estilística do arquiteto toscano.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Capítulo 3

Tipologias e exemplos de casas senhoriais.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

3.1 O Paço, a Quinta, o Palácio, o Solar, a Torre, o Casal e a Casa.

Francisco de Azeredo fez uma classificação das casas senhoriais portuguesas:

“(...) Palácio, quando residências dos reis, ou as suas dimensões justificam este apelativo. Paço ou Paços, também quando residência de reis, infantes ou bispos ou ainda quando o rei nelas pernoitou alguma vez, Solar, quando nela tem origem alguma família, Quinta, quando as suas terras são cercadas por muros. Torre, quando nela existe uma ou a teve na sua origem. Casal, quando as suas terras são limitadas por marcos e quando teve origem num emprazamento que tinha este nome. Casa, é o nome mais genérico, e que só se aplica a uma, num determinado lugar onde há outras, aquela onde vive a família nobre (...)”²

Na Galiza, Paço, ou Pazo em galego, é sinónimo de casa senhorial no campo. A palavra tem a sua origem na voz latina palatium(m), palácio. É a residência fixa ou temporária de famílias nobres. Tradicionalmente são três os elementos que tem que ter um paço para ser considerado tal: Brasão, capela e pombal, mas há muitos casos em que não encontramos um dos dois últimos elementos.

A peculiaridade do caso galego é que a mesma palavra abrange várias tipologias, um paço pode ter ou não jardim, quinta ou muros perimetrais, estar dedicado a residência dum senhor ou à exploração agrícola, mas sempre é um paço.

Mesmo assim, existem outras teorias sobre a origem da arquitetura dos Paços. Lampérez y Romea acha que o tipo primogénio dos Paços é o palácio episcopal de Xelmírez em Santiago de Compostela.

2 Azeredo, Francisco de; **Casas senhoriais portuguesas**. 1978

O escritor Otero Pedrayo diz no seu livro Guia de Galicia que a arquitetura dos paços tem mais a ver com a arquitetura camponesa e monástica do que com a militar das fortalezas³. Também há teorias que relacionam os Paços com a arquitetura romana e mesmo as vilas renascentistas italianas.

Segundo George Kubler:

“En realidad, dichas construcciones no son castillos ni palacios, sino pequeñas fincas. Su arquitectura carece de pretensiones, pero siempre se halla en relación estética con los alrededores, con pocos detalles graciosos de arcaturas o terrazas para dar luz a los rústicos perfiles que halagan la campiña. Castillo ha analizado los tipos principales:

- 1) caserón entre torres de origen medieval con alas traseras que incluyen un patio de función utilitaria (por ejemplo, Vista Alegre, en Villagarcía, de Pontevedra);*
- 2) construcción en forma de U, formada por tres edificios y frecuentemente por una cerca con portada que suele mostrar blasón (Villar de Ferreiros, en Santiso, La Coruña);*
- 3) edificio de dos alas en ángulo recto, enmarcando un jardín (Oca, cerca de Estrada, en Pontevedra, es el ejemplo más sobresaliente, terminado en 1746 sobre un núcleo de fines del siglo XV, y*
- 4) caserón de bloque sólido (Bóveda, en Lugo, con fachada de galería de arcadas, de 1772).*

Los jardines son, por lo general, las partes más cuidadas de estas casas, las cuales muestran un carácter modesto y retraído que estaría fuera de lugar en Castilla o Extremadura. Aquí, los anchos campos y desnudas llanuras confieren a cada edificio, a pesar de su humildad, una importancia que supera el objeto de sus propietarios.

3 Otero Pedrayo, Ramón. **Guía de Galicia**. 1926

*En Galicia, la verde campiña del litoral permite esos jardines que prevalecen sobre las casas y hasta la más ambiciosa es obligada por el campo a esa subordinación.*⁴

Segundo María Dolores Vila Jato a palavra pazo designa uma casa no campo, com brasão e de proporções maiores das que as casas rurais, com capela jardim, e as vezes, um pombar.⁵

A escolha dos exemplos a analisar foi feita segundo critérios de singularidade e capacidade para poder estabelecer uma relação na arquitetura das duas regiões.

No caso galego, o **Paço de Sistallo** (Cospeito, Lugo), pela sua adaptação a envolvente e as características construtivas próprias do lugar onde foi construído. O **Paço de Tor** (Monforte de Lemos, Lugo), pela sua abertura como museu, e em que continua a conservar os elementos originais e característicos dos paços galegos. O **Paço de Oca** (A Estrada, Pontevedra), por ser o mais importante dos paços galegos, e bom exemplo da evolução da tipologia militar

4 Kubler, George. **Ars Hispaniae**. 1957.

Na realidade, estas construções não são castelos nem palácios, se não pequenas quintas. A sua arquitetura carece de pretensões, mas sempre acha-se em relação estética com o entorno, com poucos pormenores de arcos ou terraços para dar luz aos rústicos perfis que bajulam o campo. Castillo fez uma análise dos principais tipos:

- Casa grande entre torreões de origem medieval com alas traseiras que incluem um pátio de função útil (por exemplo, Vista Alegre, em Vilagarcía, Pontevedra).
- Construções em U, formada por três edifícios e normalmente com um muro com frontão onde fica o brasão (Vilar de Ferreiros, Santiso, A Corunha).
- Edifício de duas alas em ângulo reto, enquadrando um jardim (Oca, perto de A Estrada, em Pontevedra é o melhor exemplo, rematado em 1746 sobre uma preexistência de finais do século XV).
- Casa grande de bloco sólido (Bóveda, em Lugo, com fachada de galeria em arcos, de 1772).

Os jardins são pelo geral, as partes mais cuidadas destas casas, as cales mostram um carácter modesto que ficaria fora de lugar em Castela ou Estremadura. Aqui, os longos campos e desnudas planícies conferem a cada edifício, a pesar da sua humildade, uma importância que supera a dos seus donos.

Na Galiza, os verdes campos do litoral permite estes jardins que prevalecem sobre as casas e ate a mais ambiciosa é obrigada pelo campo a esta subordinação.

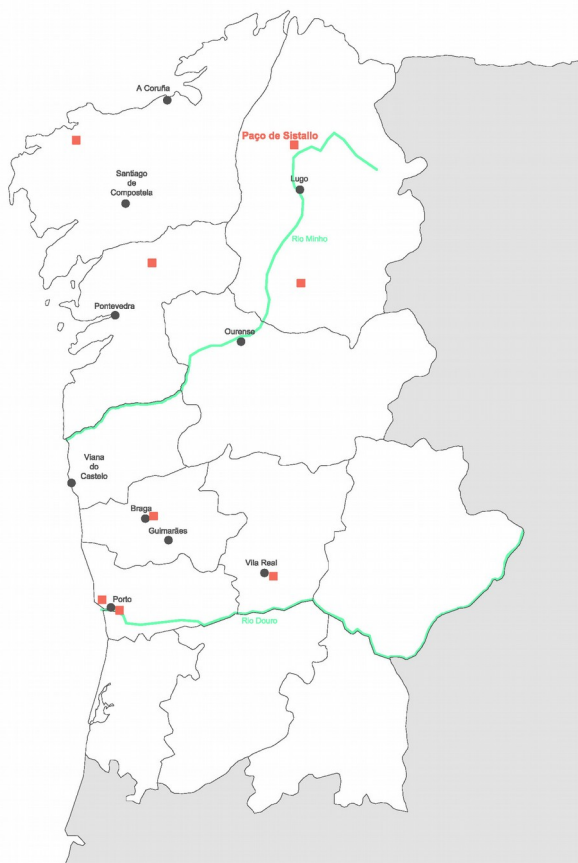
5 Vila Jato, María Dolores, **Arquitectura señorial en el Norte de España**.

original face o conceito domestico dos paços. E finalmente, o **Paço de Torres do Allo** (Zas, A Corunha), por ser o único paço galego em estilo Manuelino, e isto estabelece uma relação com os casos portugueses.

Em Portugal, o **Palácio de Mateus** (Vila-Real), por ser um dos mais importantes e conhecidos casos de casa senhorial no norte de Portugal. A **Casa de Vale de Flores ou das Ínfias** (Braga), pela sua tipologia de planta em U, em relação com o caso da cadeira de Projeto. E mais dois edifícios no Porto, o **Palácio do Freixo**, por ser um dos casos mais complexos a nível arquitetónico, e com um projeto de reabilitação para a sua abertura como edifício público, e a **Casa da Prelada**, uma importante obra de Nasoni com um recente projeto de renovação e abertura.

3.2 Galiza.

3.2.1 O Paço de Sistallo.



Cospeito, Lugo, Galiza.

O paço de Sistallo foi edificado no século XVIII pela família Verdes Montenegro baixo projeto do arquiteto Clemente Fernández Sarela, em estilo Barroco Compostelano. Da família Verdes Montenegro passou, já no século XX, para as mãos da família de Xesús López Rodríguez, a qual fez no ano 1973 uma renovação e modernização do interior, mas sem estragar a sua fisionomia original. No dia de hoje encontra-se à venda.

É uma casa senhorial de planta retangular, com dois andares e coberturas de ardósia e quatro águas, com rufos para drenagem de águas nas esquinas. Uma característica dos paços e da arquitetura vernácula é adaptar os seus materiais aos que existem na proximidade da construção. Neste paço observamos esta característica do uso da ardósia, rocha típica das montanhas de Lugo. Também se usa nos muros, nas partes menos nobres, com caiação.

Na fachada principal usa-se também granito, já visível, por se considerar mais nobre, como nas portas e nas janelas, cunhais e beirados. A fachada é quase simétrica, com três portas. No interior cabe destacar a escada principal de granito. Tem mais uma escada para os trabalhadores. Estas duas escadas ligam

os dois andares, o térreo e de serviço, e o nobre. Esta disposição é a habitual em toda a arquitetura das casas senhoriais, não só na Galiza mas também em Portugal.

Neste caso temos uma distribuição muito compacta dos espaços de habitação, não tem um pátio para a entrada de luz e ar. O interior sem luz usa-se como distribuição e ligação, e os quartos exteriores para habitação.



Figura 6. Paço de Sistallo.

No solar, o paço fica focalizado de frente à porta. Os jardins têm uma superfície de 14.800 m² nos quais há fontes, árvores, e uma capela que possui um grande retábulo renascentista.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 7. Paço de Sistallo

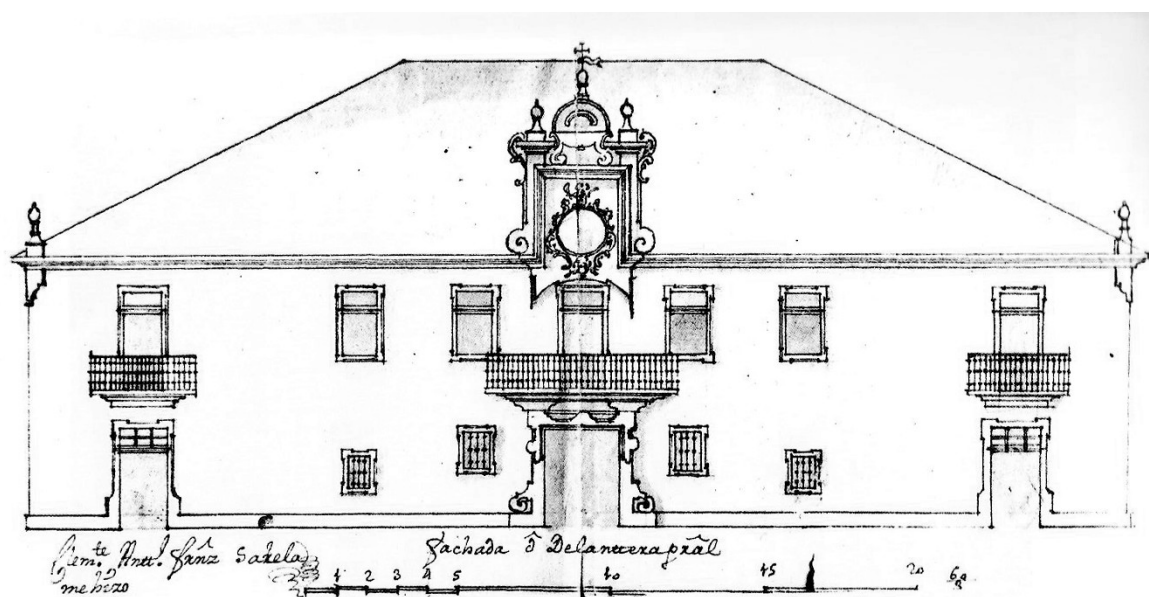


Figura 8. Paço de Sistallo

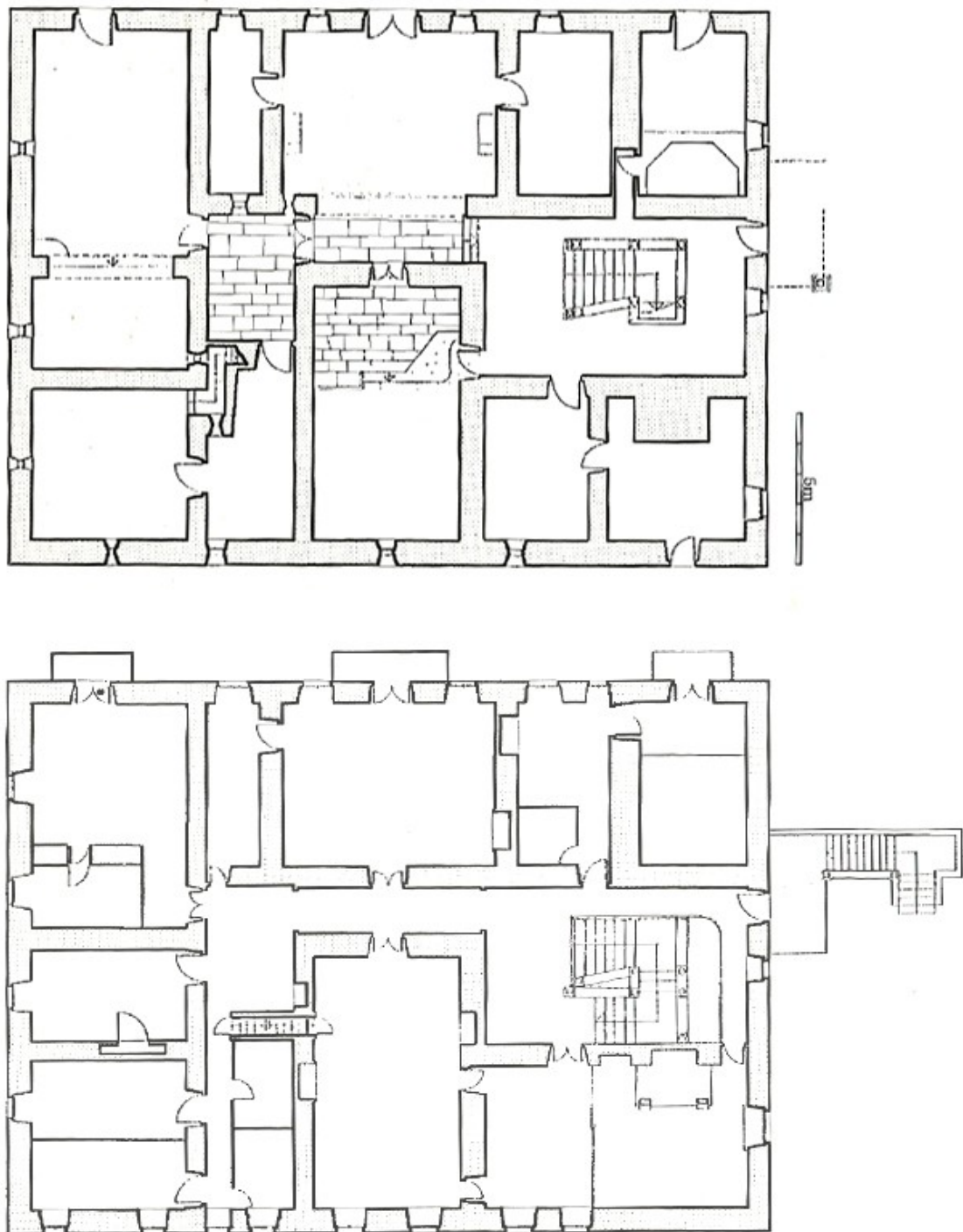
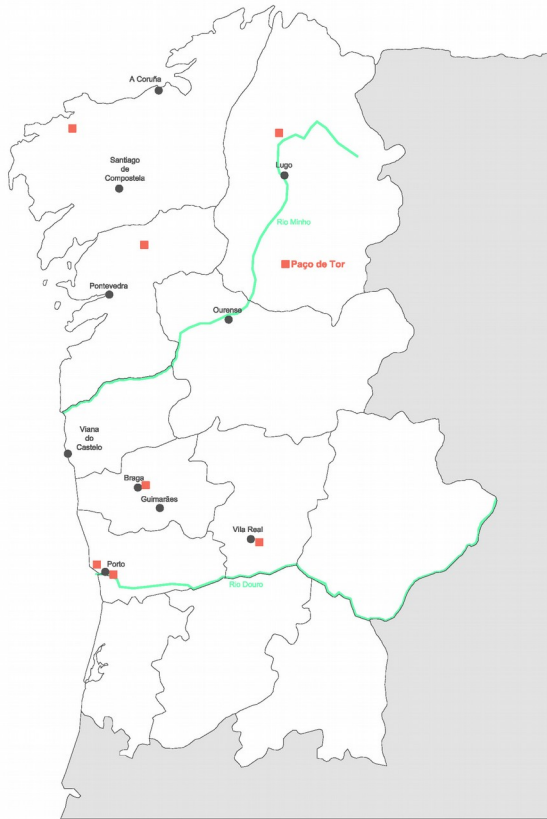


Figura 9. Plantas do Paço de Sistallo.

3.2.2 O Paço de Tor.



Monforte de Lemos, Lugo, Galiza

O paço de Tor pertenceu à família dos senhores de Tor, título nobiliário criado com base nos protestos do século XVIII de Javiera Losada contra as leis que as cortes de Cádiz aprovaram para limitar os privilégios da nobreza.

Foi construído no último terço do século XVIII, mas a origem de alguma da construção é do século XIV, e fica elevado sobre o vale de Lemos.

É de estilo Barroco mas já começa a ter influência do neoclássico. É possível verificar isso na simetria, sobriedade e uso das ordens clássicas.

Em finais do século XIX aconteceu um incêndio nos bosques de Tor, que eram muito frondosos. Depois disto, a maior parte das terras foram vendidas e hoje estão cultivadas. Já no século XX, a proprietária María de la Paz Taboada de Andrés y Zúñiga, doou-o à Deputación Provincial de Lugo, a qual fez obras de remodelação e acondicionamento. É só no ano de 2006 que a Deputación o abriu como museu.

As fachadas são de silharia nas esquinas, janelas, portas, e beiradas, continuando o esquema de materiais nobres nestes pontos, e um mais comum no resto. Neste caso o resto é de alvenaria. As coberturas são de telha.

Na fachada norte, existe uma porta em arco de meio ponto e o brasão da família, assim como uma varanda sobre três colunas, tudo em pedra. A fachada sul sofreu um incêndio na Guerra da Independência contra as tropas napoleónicas em princípios do século XIX. A este existe uma pequena capela, e a oeste um torreão.

A planta em U permite uma melhor entrada de luz e ar nas habitações, que estão dispostas segundo o mesmo esquema que no exemplo anterior, no piso térreo habitações do serviço, para os animais e armazém, e no nobre a habitação dos senhores.

Nos jardins que ficam depois da venda das terras, há olmos, cedros e freixos, e um interessante labirinto.



Figura 10. Paço de Tor em 1945

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 11. Paço de Tor em 2016



Figura 12. Paço de Tor em 2016

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

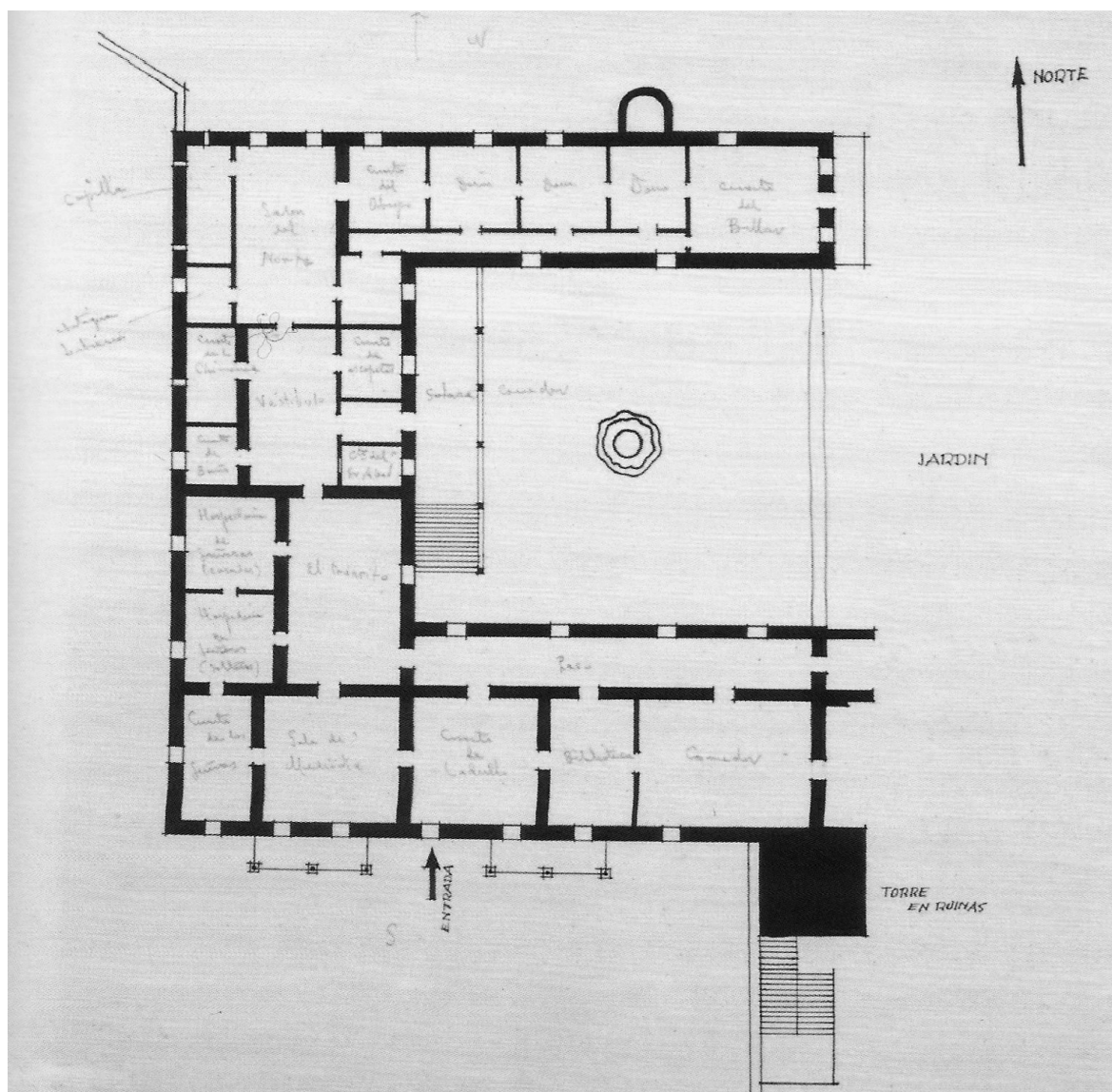


Figura 13. Paço de Tor.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Em 2003 o gabinete Pernas-Varela arquitectos fez um projeto de renovação da adega para a sua abertura como museu adicado à caça e pesca, e o paço é visitável como museu dos paços com a sua distribuição e móveis originais.

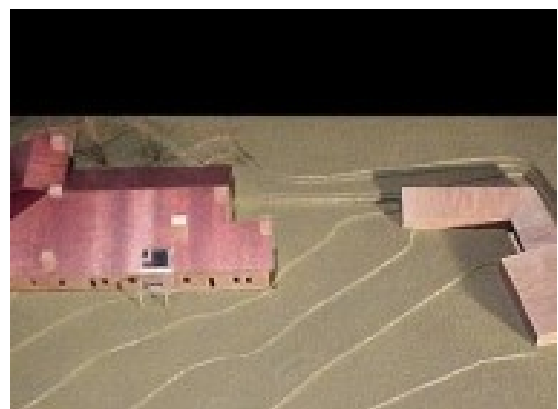
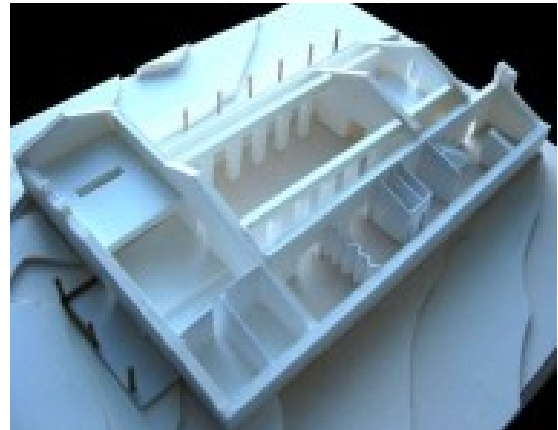
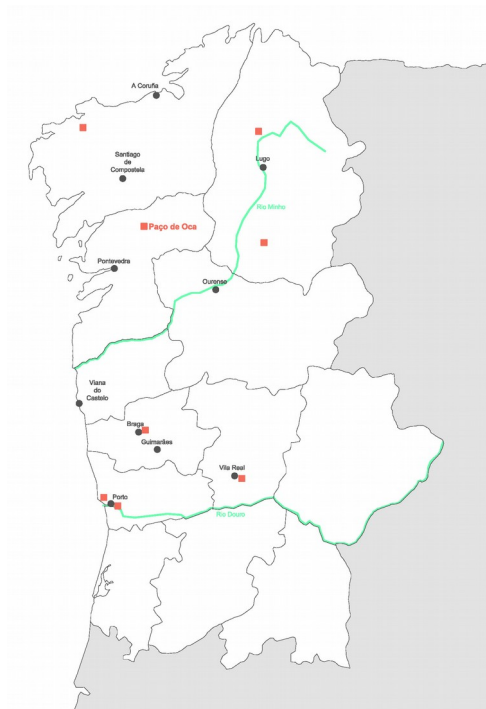


Figura 14. Paço de Tor

3.2.3 O Paço de Oca.



A Estrada, Pontevedra, Galiza.

O Paço de Oca é tipicamente considerado o melhor exemplo de arquitetura senhorial na Galiza ou se calhar, o mais conhecido. E isto é não só pela sua arquitetura, mas também pelos jardins de estilo francês e italiano que granjearam a este paço o sobrenome de Versalhes galego. Uma grande parte dos jardins foi obra no século XIX do jardineiro francês François Viet, autor também dos jardins de Campo del Moro, no palácio real de Madrid.

A origem do paço é do século XIII, ainda que os atuais edifícios tenham sido construídos no século XVIII. Existe claramente neste paço a ideia que esta na origem da arquitetura senhorial de adicionar elementos, de adicionar habitações à tipologia original da torre. De fato, pode considerar-se uma obra inacabada neste aspeto, já que numa esquina de uma fachada ficou uma inscrição: uma mão de pedra e a indicação: “prosígase”⁶

A igreja foi construída entre os anos 1731 e 1752 possivelmente pelo arquiteto Manuel de los Mártires.

O edifício tem dois andares, menos no torreão, que tem três. É na parte alta do torreão que fica o brasão da família.

6 Prosiga-se.

É de silharía de granito, e as varandas de ferro sobre pedra. Tem uma ponte sobre o estanque também de granito, com seis arcos de meio ponto. Todos os balaústres são de pedra também. As coberturas são de telha e a dois águas menos nas torres, que têm almeias e merlões e cobertura oculta a quatro águas.

Os donos foram até ao século XX os marqueses de Camarasa e depois passou para as mãos dos Duques de Medinaceli.

No século XIX sofreu obras, as já referidas do jardim e também a criação da galeria à volta da capela. Já no século XX, teve obras de manutenção e modernização das infraestruturas.

Tem uma tipologia de quadrado quase fechado, com um grande pátio interior que faz a função de distribuição e relação. Este caso exemplifica muito bem a origem e evolução das casas senhoriais, partindo da torre medieval e adicionando volumes segundo as necessidades da família.

No ano 1980 foi elaborado um plano especial de proteção pelo arquiteto galego César Portela com o objetivo de preservar a integridade arquitetónica do solar e fornecer um plano de viabilidade económica para o paço a través das visitas aos jardins.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 15. Paço de Oca



Figura 16. Paço de Oca.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 17. Paço de Oca.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

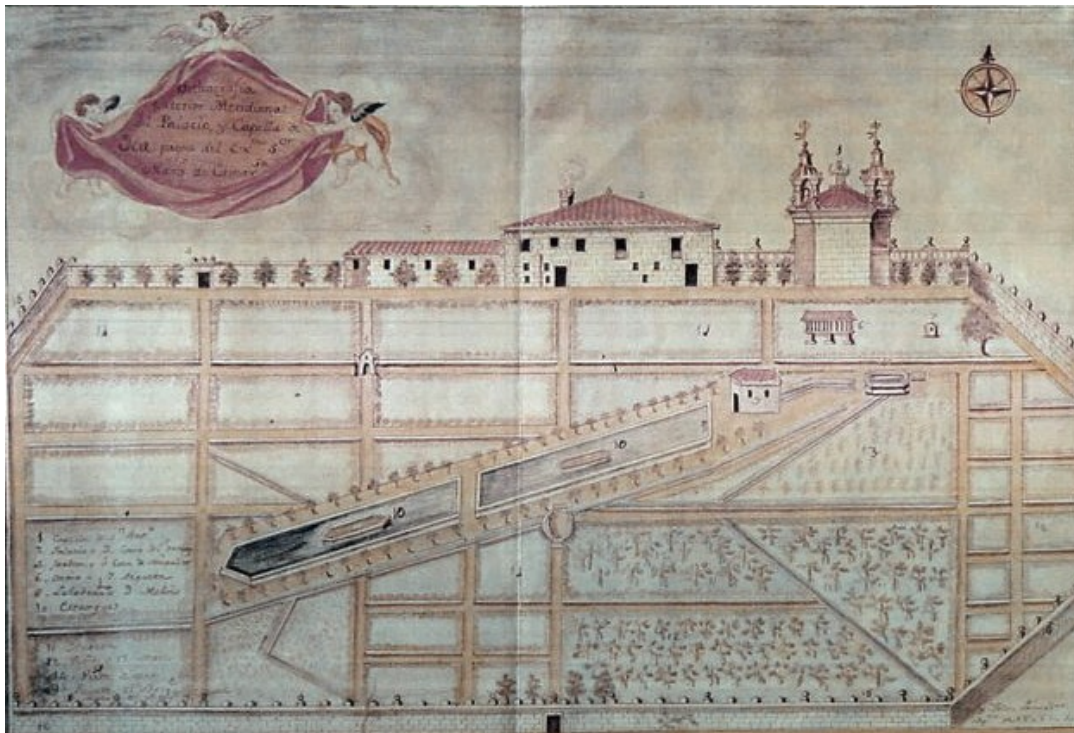


Figura 18. Paço de Oca.

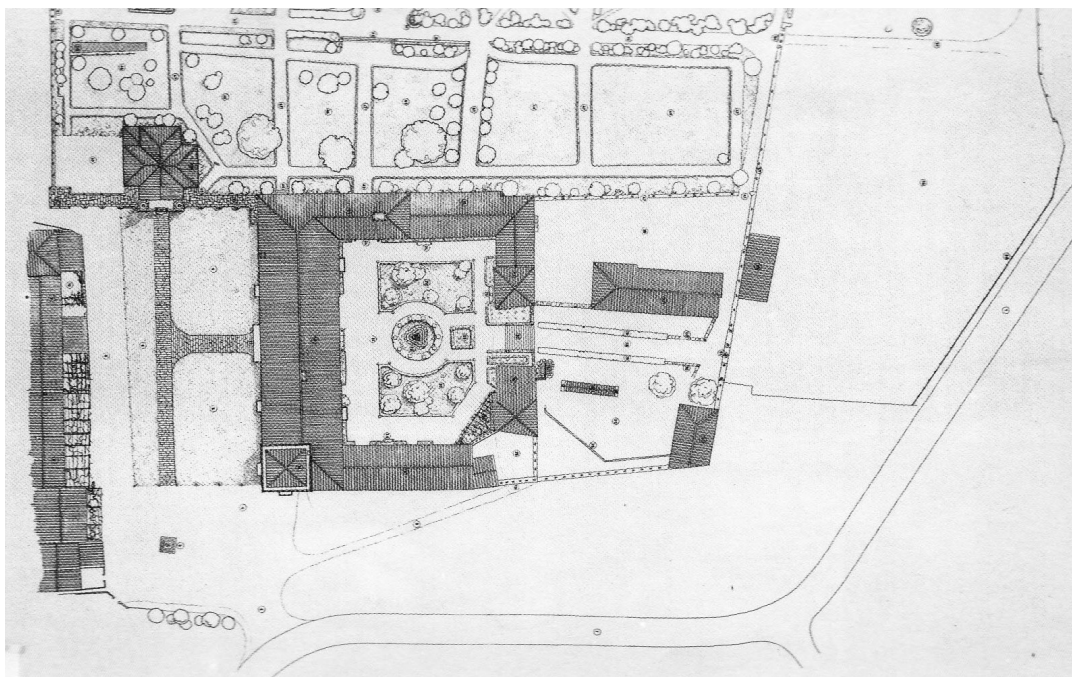


Figura 19. Paço de Oca

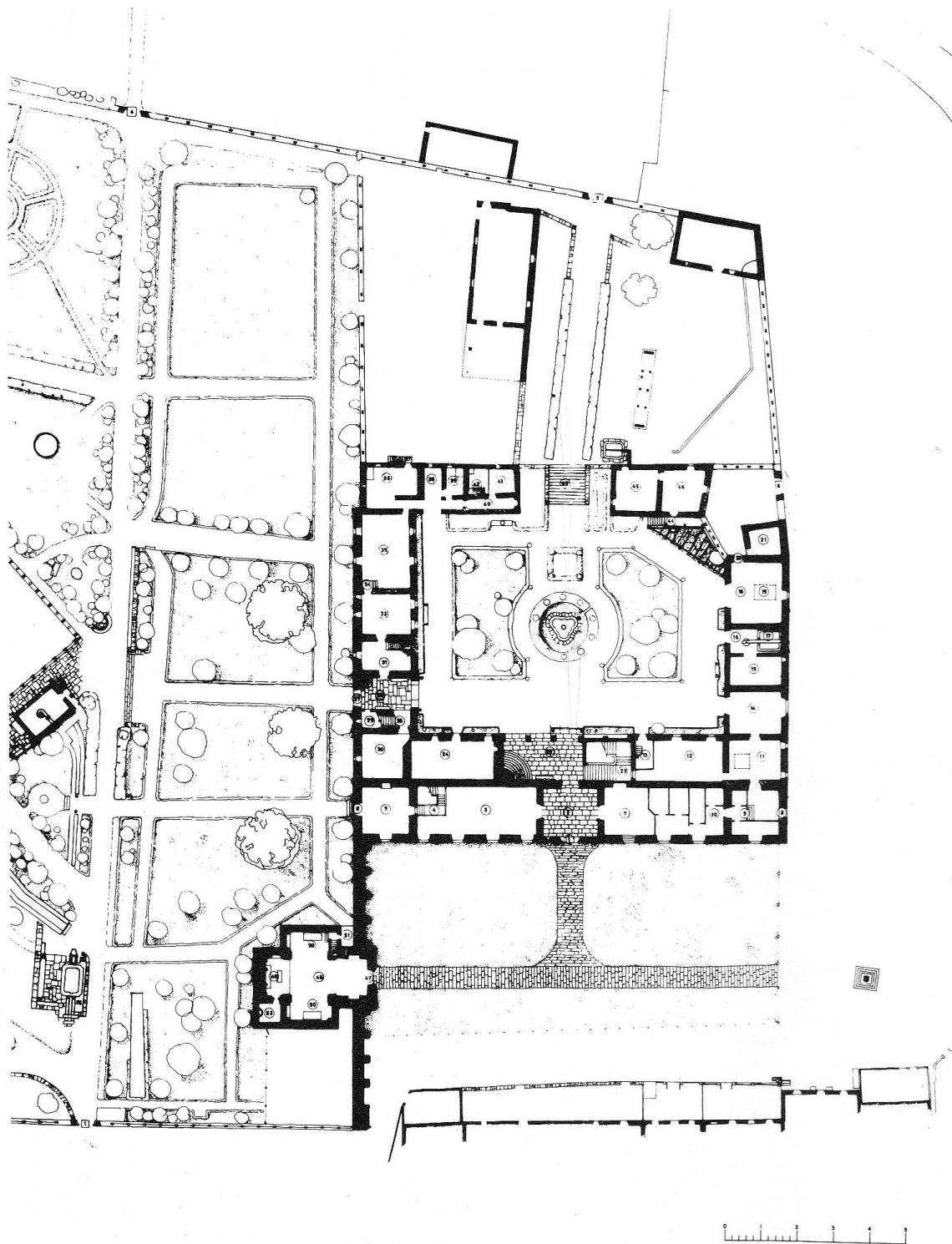
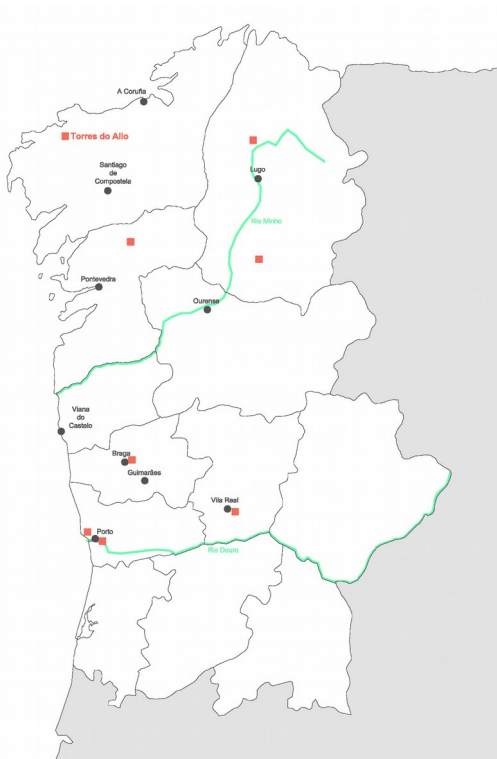


Figura 20. Paço de Oca

3.2.4 Torre do Allo.



Zas, A Corunha.

Os torreões são do séculos XV e XVI, a parte central com o brasão é, segundo Durán-Loriga y Salgado, do século XVIII, data da aliança da família Seijas de Cabanas com a família Riobóo de Allo.

Tem uma tipologia distinta as anteriores, são dois torreões ligados por uma peça central na que se localizam as habitações dispostas segundo o mesmo plano de todas as casas senhoriais, piso térreo de serviço e andar nobre.

Os muros são de silharia de granito, e na capela de alvenaria. As beiradas, gárgulas, brasões e vãos também foram construídos em granito. Os torreões têm coberturas a quatro águas e a peça central a duas, todas em telha. Unida a um torreão fica a capela. Tem uma galeria a sul acessível por umas escadas.

É interessante pela sua ornamentação de estilo Manuelino, o único paço galego com esta influência portuguesa. Na parte central a ornamentação é atenuada. Os torreões são de igual altura e a única diferença é o apoio das pequenas varandas.

Não possui muros perimetrais, e fica rodeado de eucaliptos e árvores de fruto. A entrada, através de uma passagem de carvalhos, é obra do paisagista Víctor López Seoane.

Em 1985 foi comprado pela Diputación da Corunha e hoje é um museu sobre a vida na época do paço e também um centro cultural sobre a Costa da Morte. Foi declarado Bien de Interés Cultural, e o projeto de reacondicionamento em 1999 é do arquiteto Iago Seara, e achou varias dificuldades pelo estado de ruína no que estava o paço, já que quando chegaram os arquitetos só puderam aproveitar os muros de pedra e parte do chão da cozinha. Ao carecer dum programa específico para a reabilitação, optou-se por não dividir os espaços interiores das torres. Também reconstruiu-se o muro exterior e os celeiros.

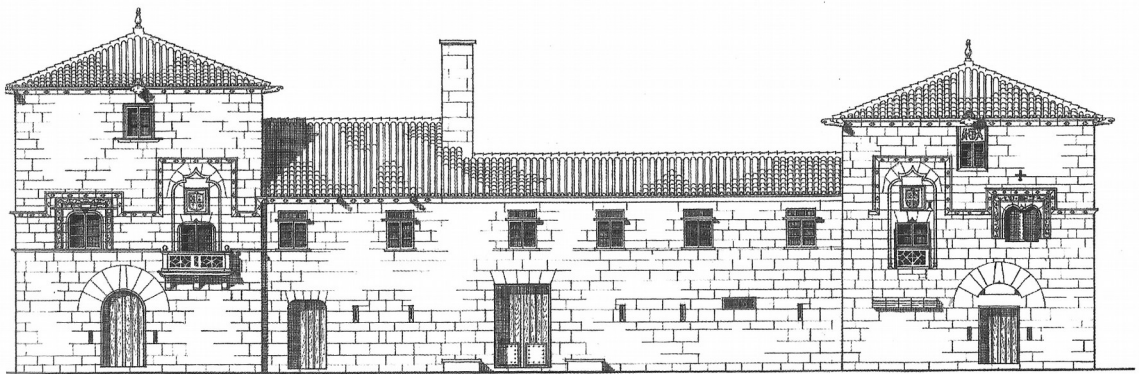


Figura 21. Torres do Allo.

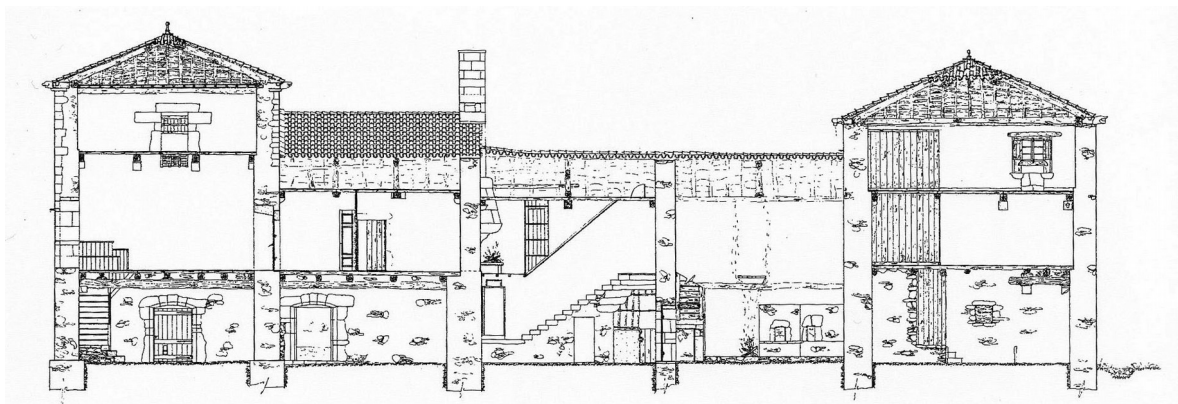


Figura 22. Torres do Allo

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 23. Torres do Allo



Figura 24. Torres do Allo

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

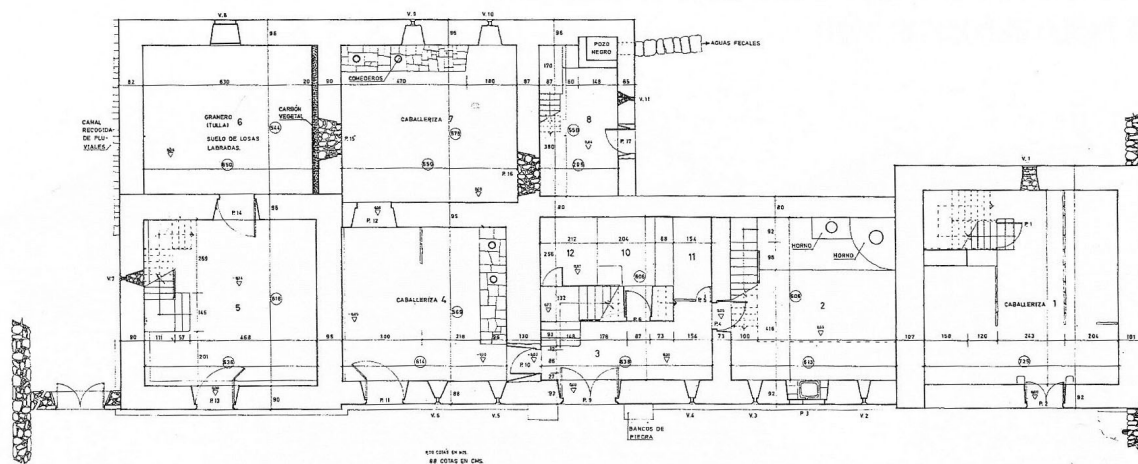


Figura 25. Torres do Allo

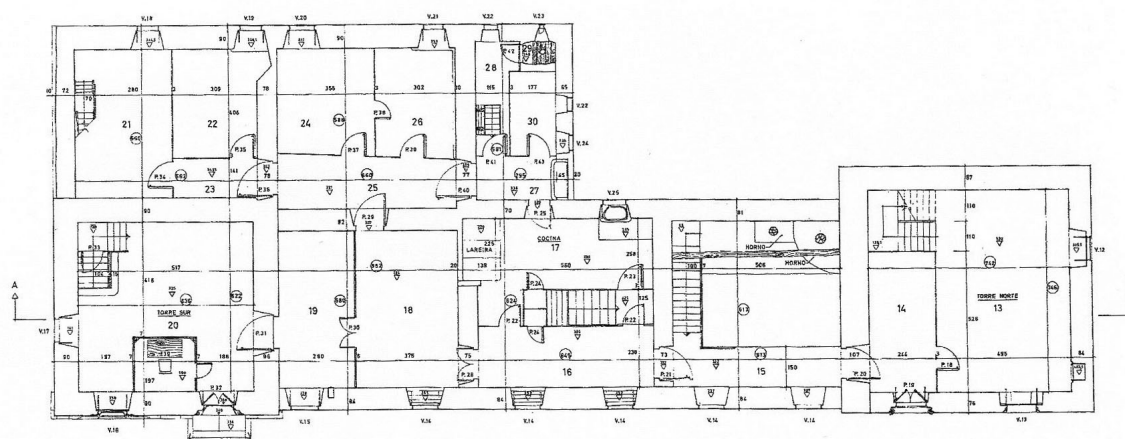


Figura 26. Torres do Allo

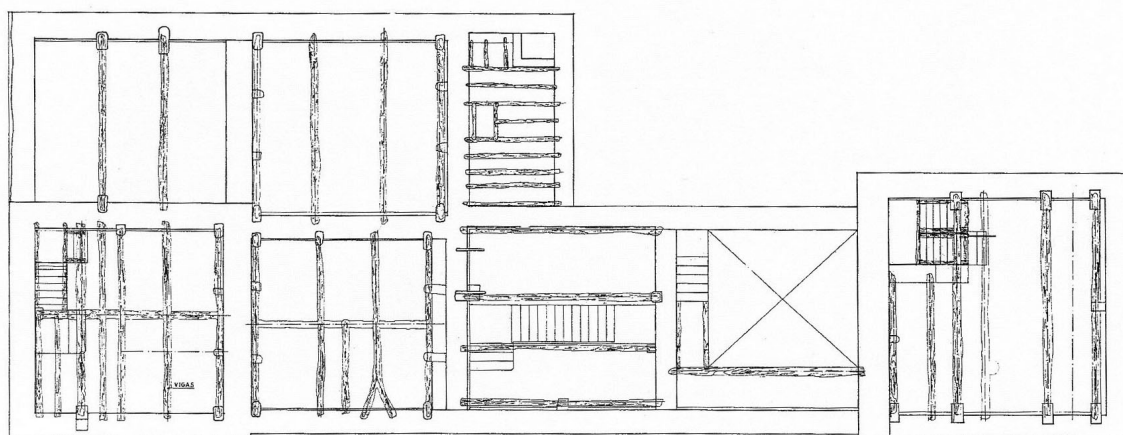


Figura 27. Torres do Allo

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

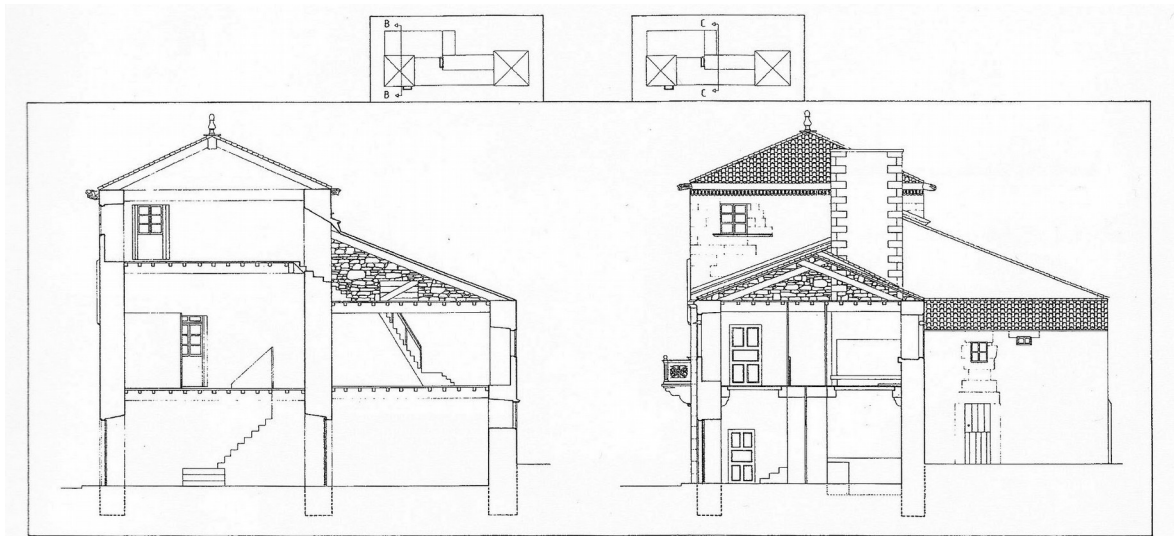


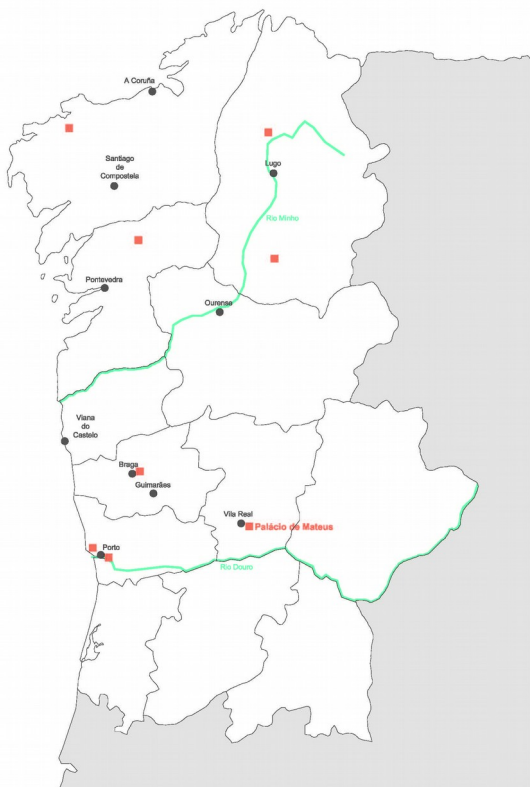
Figura 28. Torres do Allo



Figura 29. Torres do Allo

3.3 Portugal.

3.3.1 Palácio de Mateus.



Vila-Real, Portugal.

A casa de Mateus foi mandada construir por António José Botelho Mourão, terceiro Morgado de Mateus, e o projeto é atribuído a Nicolau Nasoni por várias fontes, entre elas Robert Smith, especialista na sua obra, mas não há nenhum documento.

Nasoni trabalhou no projeto entre 1739 e 1743 para substituir a antiga casa da família do século XVII.

No ano 1911 é classificada como Monumento Nacional. Existem dúvidas sobre a responsabilidade total de Nasoni no projeto pois tem muitos elementos característicos da sua obra mas existem neste outros que dificilmente são atribuíveis ao traço do arquiteto toscano. Segundo Azevedo:

Entretanto, presença de outros elementos estranhos, as variações e liberdades com a gramática decorativa sugerem talvez uma conceção, ou intervenção, de outro artista menos requintado, e se não se pode afirmar que Nasoni é o autor desta obra, o que é certo é que ele é de atribuir ao círculo de influencia daquele arquiteto (...).⁷

7 Azevedo, Francisco de; **Casas senhoriais portuguesas**. 1978

Vasco Graça Moura defende a hipótese das preexistências da primitiva construção e de diferentes campanhas de obras. A favor desta hipótese temos a diferente constituição da alvenaria da pedra em paredes e as distintas espessuras.

É destacável a sua planta muito racional, inscrita num retângulo, com dois quadrados vazios no centro, criando varias alas e dois pátios, o primeiro deles aberto e ligado ao segundo por aberturas no piso térreo. Estas aberturas criam um eixo central de ligação com todo o edifício. Através de duas escadas simétricas acedemos ao piso nobre.

Esta planta forma uma zona quadrada, em torno de um pátio interior, com passagens para veículos diretamente para os jardins atrás da casa. Reflete assim uma convenção da arquitetura civil italiana, que aparece, no século XVII, com o Palácio Barberini, de Roma, edifício que tanto influenciou Nasoni. Emprega a planta novamente nas suas casas de Ramalde e do Freixo, no Porto. Em Mateus, da mesma forma, existem estrebarias para uma dúzia de cavalos, imediatamente atrás da porta térrea, aos dois lados da passagem central.⁸

O conjunto é completo com a capela e a adega. A capela foi concluída em 1750 pelo Mestre José Alvares do Rego, ricamente ornamentada e de influência nasoniana, a sua altura retoma a altura da fachada principal da casa.

A materialização é em cantaria de granito amarelo, e no interior os tetos de caixotão simples ou abobadado são em madeira de castanho.

Foram realizadas sucessivas reformas e melhorias ao longo dos séculos. D. Leonor de Portugal realizou obras de abastecimento de água e de rega na quinta. Em meados do século XIX foram feitas muitas melhorias pelo Terceiro Conde de Vila Real, D. José Luis. Concluiu-se a colocação de vidraças e portas interiores, a construção de lareiras das salas do primeiro andar e as respetivas

8 Smith, Robert Chester. **Nicolau Nasoni, arquitecto do Porto**. 1966.

chaminés. O Conde também fez remodelação das alas Norte e nascente, e embelezamento das fachadas exteriores com varandas e balustradas de pedra.

Em meados do século XX realiza-se o restauro da Casa segundo os critérios de conforto por D. Francisco de Sousa Botelho de Albuquerque e o seu filho, D. Fernando de Sousa Botelho Albuquerque. O primeiro foi o que instituiu a atual Fundação da Casa de Mateus, e o seu filho adaptou todo o conjunto às atividades culturais que hoje se fazem na Casa.

De 1979 até 1990 a Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais fez varias campanhas de restauração da casa, capela e adega, focalizadas na consolidação de paredes e coberturas.

A Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais empreende novamente em 2001 e 2002 obras de reforço e consolidação estrutural até 2005, e é recuperado também o Espelho de Água.

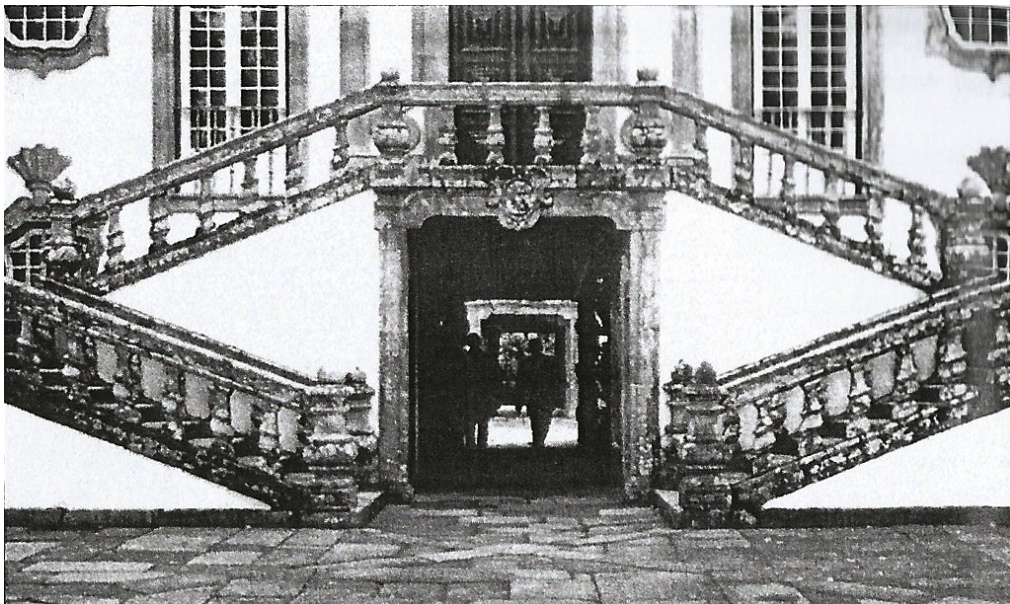


Figura 30. Casa de Mateus.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Recentemente procedeu-se à remodelação total do Museu e à adaptação para espaços expositivos e de apoio ao público, e criação de uma residência de artistas. O projeto é de Teresa Nunes da Ponte.

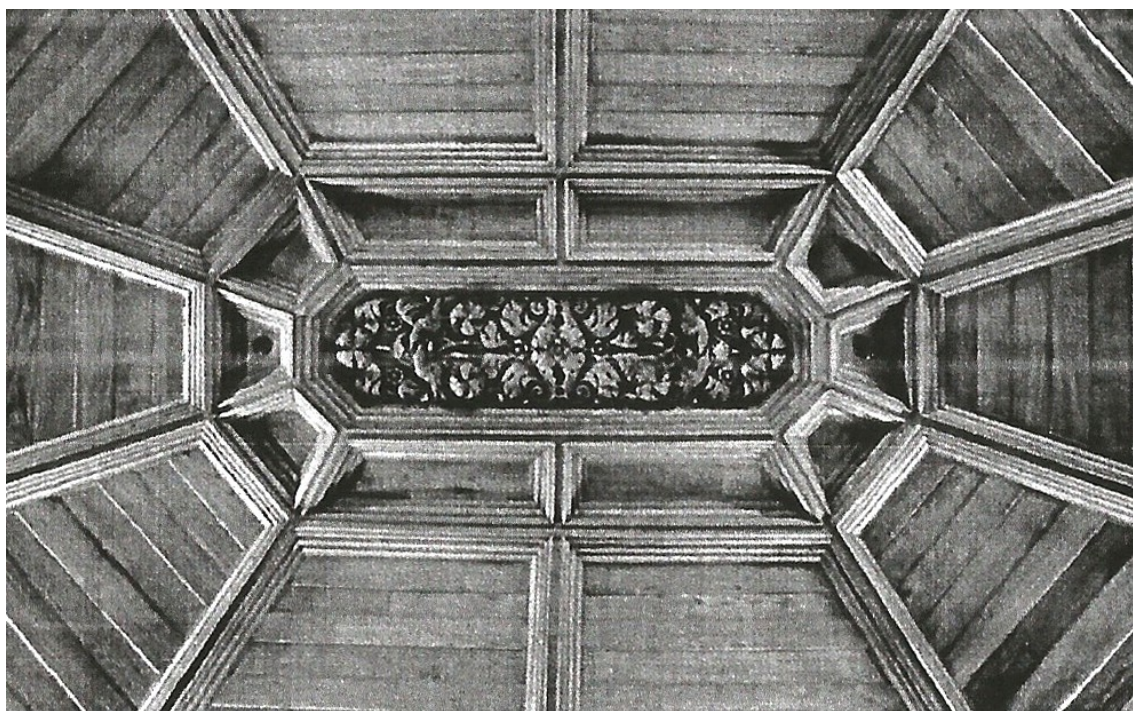


Figura 31. Casa de Mateus.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 32. Casa de Mateus



Figura 33. Casa de Mateus.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

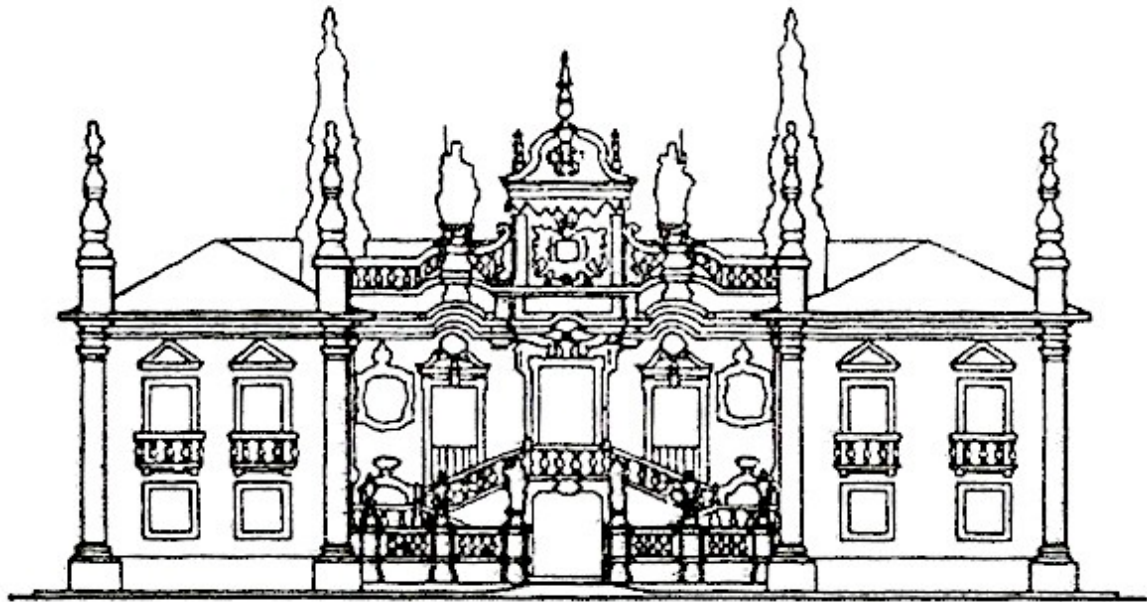


Figura 34. Casa de Mateus.

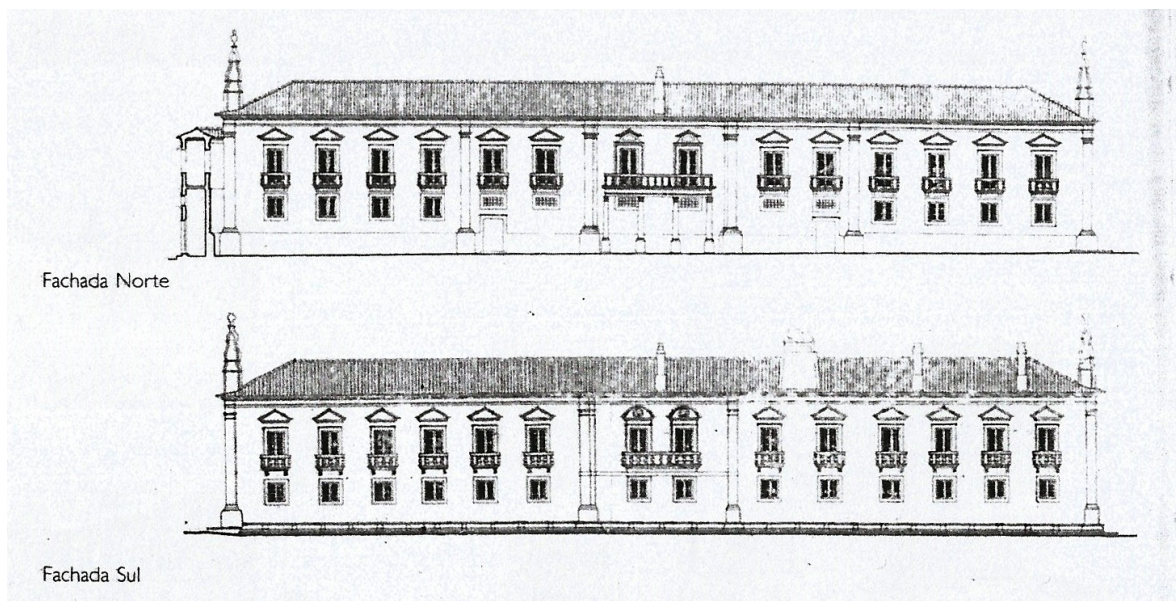


Figura 35 Casa de Mateus

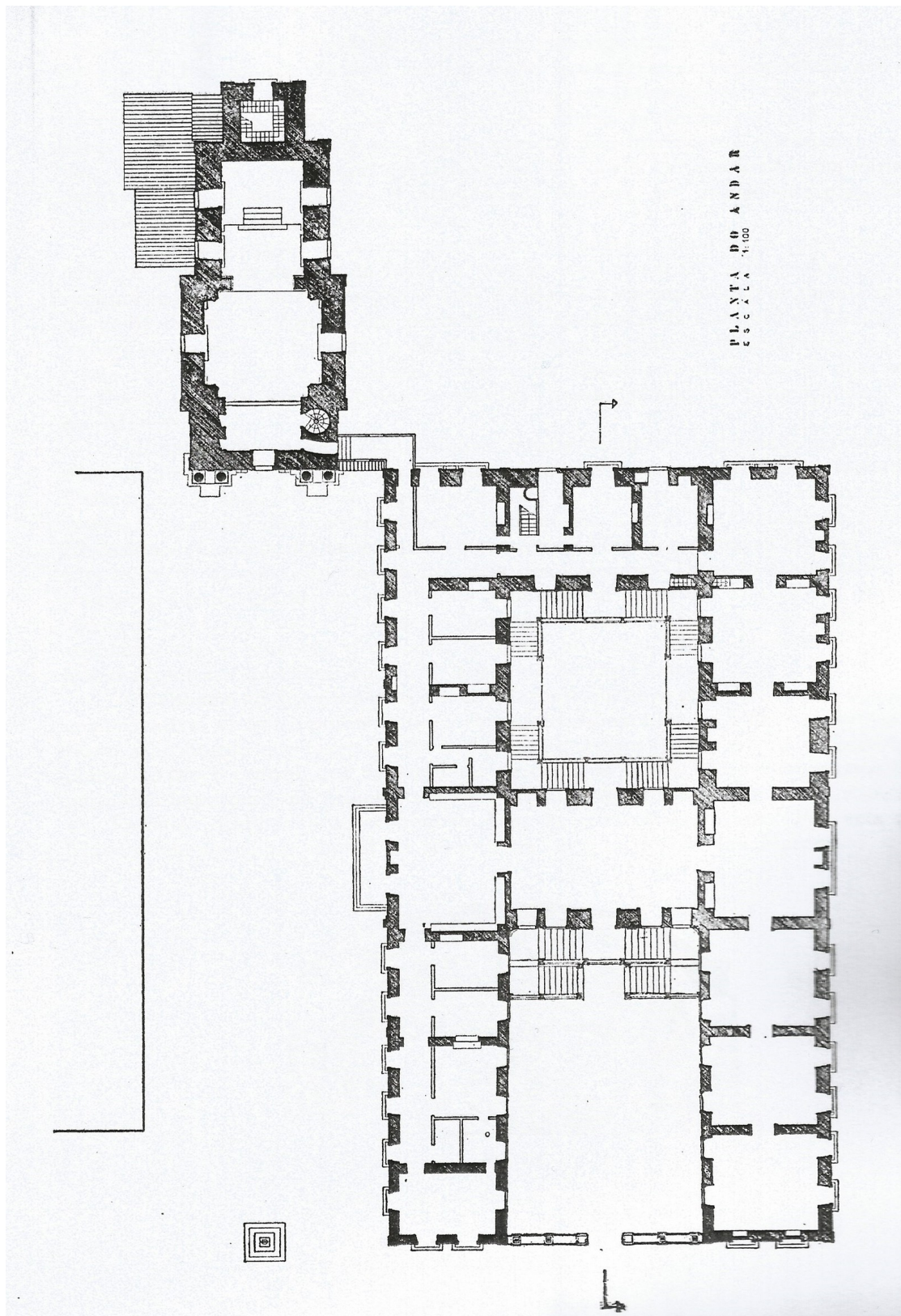


Figura 36. Casa de Mateus.

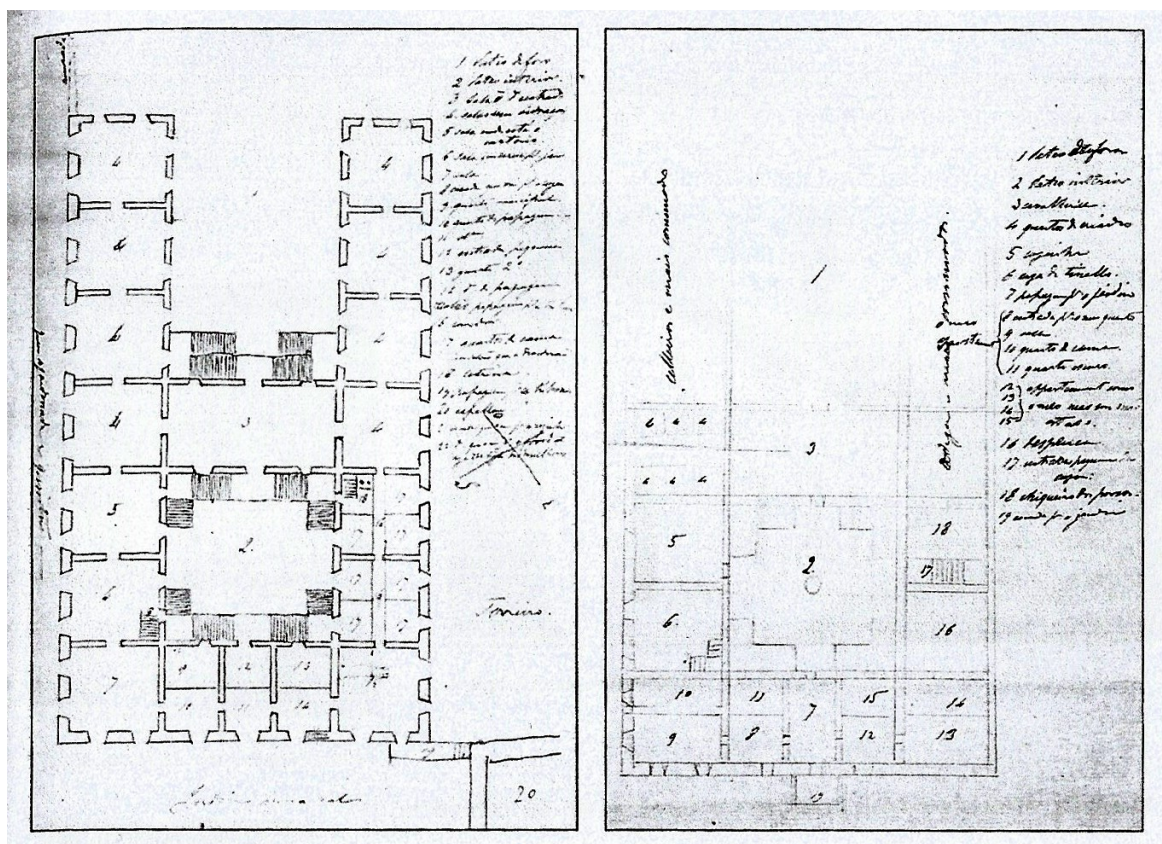


Figura 37. Casa de Mateus

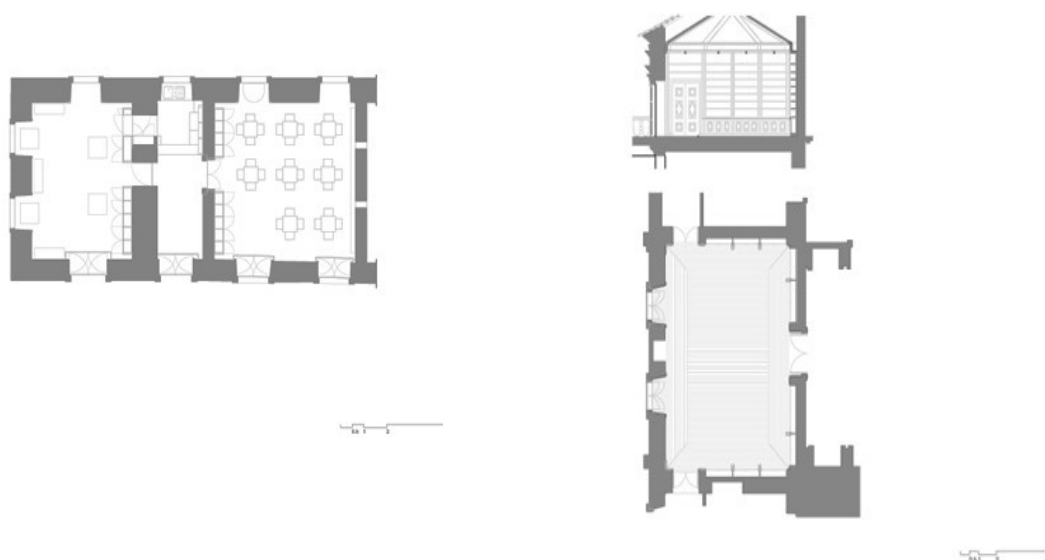


Figura 38. Casa de Mateus

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

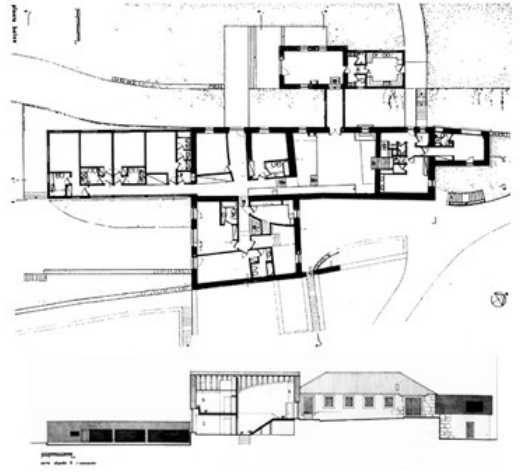
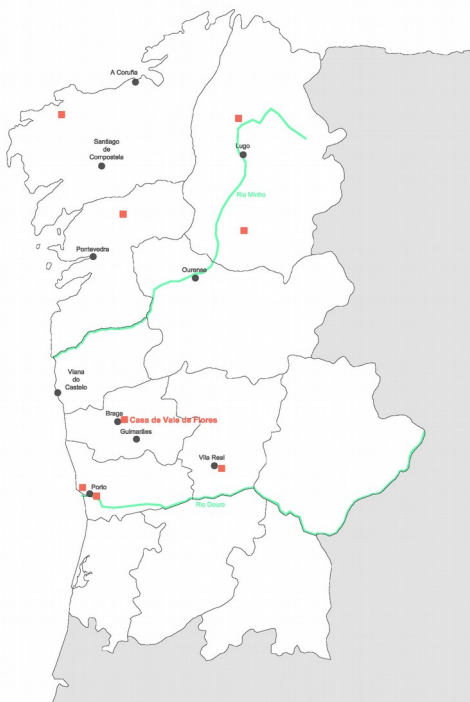


Figura 39. Casa de Mateus

3.3.2 Casa de Vale de Flores ou de Ínfias.

Braga, Portugal.



A Casa de Vale de Flores, também conhecida como a Casa de Ínfias aborda uma nova tipologia em planta, a planta em U. Construída no último quartel do século XVII por João Borges Pereira Pacheco, fidalgo da casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Segundo Azevedo:

O solar, disposto segundo planimetria em U de inspiração francesa, é considerado o "exemplo da casa nobre seiscentista", quer pela regularidade da planta quer pela sobriedade das fachadas⁹

A planta em U muda totalmente a relação da casa com a envolvente e o seu diálogo com a natureza, até agora um ponto essencial na volumetria e conceção espacial das casas senhoriais. Fica então mais fechada sobre si, e as alas laterais são fechadas por um muro com a única abertura do portão nobre com frontão quebrado ostentando o brasão.

A planta fica inscrita quase num quadrado, com o vazio do pátio. Repete-se a clássica organização do piso térreo para os serviços da casa e o andar nobre para uso habitacional. A escadaria é de dois lanços sobre um vão de passagem.

É interessante a integração na planta do conjunto da capela. Construída em 1687, fica numa ala lateral para não perturbar a simetria e equilíbrio do conjunto.

9 Azeredo, Francisco de. **Casas senhoriais portuguesas**. 1978

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Dos casos analisados é o único que conserva o seu uso original como habitação.



Figura 40. Casa de Vale de Flores no século XVII.



Figura 41. Casa de Vale de Flores no século XVII.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

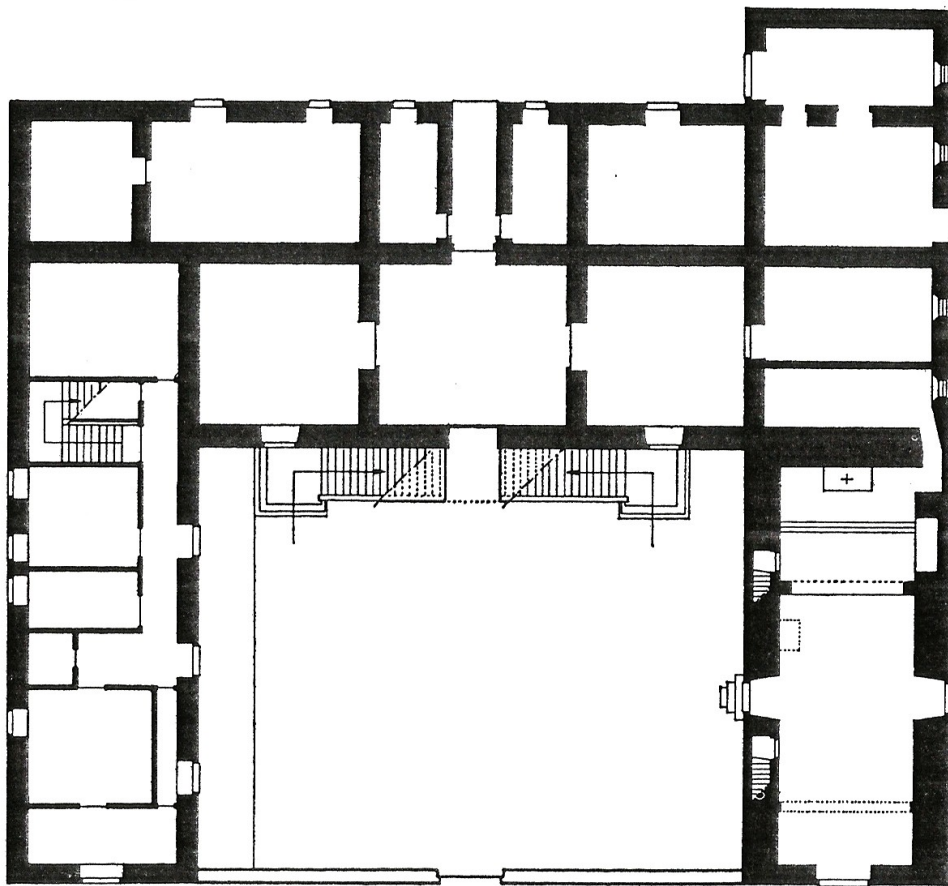
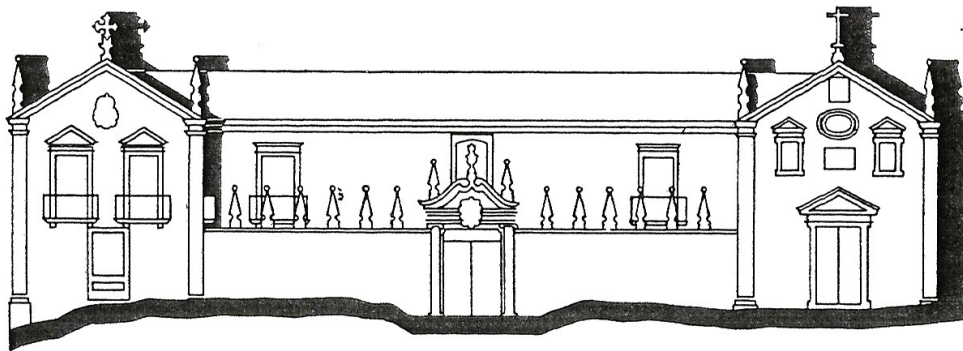
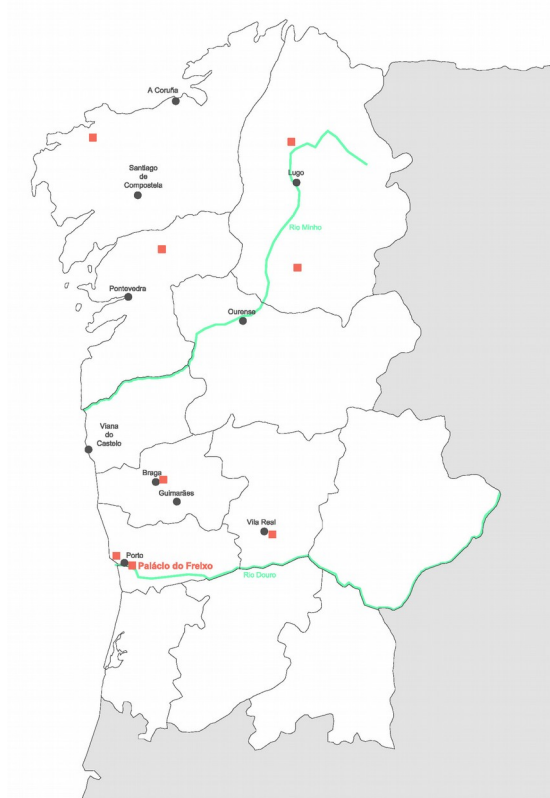


Figura 42. Casa de Vale de Flores.

3.3.3 Palácio do Freixo.



Porto, Portugal.

D. Jerónimo de Távora e Noronha mandou erguer o palácio a Nicolau Nasoni em meados do século XVIII, e não foi difícil compreender a sua escolha já que ele foi o responsável da vinda ao Porto do arquiteto toscano em 1725.

Não há dúvidas sobre a sua autoria porque é mencionado no contrato do 8 de Junho de 1750 entre D. Jerónimo e o carpinteiro José de Sousa Barros para o acabamento do bloco sudeste da casa.

Acha-se que esteve inteiramente ligado a construção do palácio até à morte de D. Jerónimo no ano 1754, e depois passou a dirigir as obras da Igreja dos Clérigos.

Em meados do século XIX um dos seus descendentes vendeu o palácio ao comerciante António Afonso Velado, que estabeleceu uma fábrica de sabão perto do palácio, e mudou o brasão dos Távoras pelo escudo Afonso e Cunha.

Foi ele o responsável do restauro do interior do edifício que resultou num desvirtuamento do seu carácter original. Era a época do revivalismo e fez no seu interior um salão árabe e um chinês. No exterior também fez aplicações de lousa e cimento.

No século XIX foi comprado por um industrial, Gustavo Nicolau Alexandre Petres, que acrescentou a parte industrial anexa ao palácio, converteu a fábrica de sabão numa companhia de moagens, e levantou um silo de quarenta e cinco metros de altura. A parte administrativa da companhia de moagens ficava mesmo no palácio.

Foi classificado como Monumento Nacional em 1910, mas ficou sem qualquer tipo de proteção, e caiu em abandono até 1986, quando a Câmara Municipal do Porto o adquiriu para instalar um Centro de Formação Profissional.

De 2000 a 2003 o arquiteto Fernando Távora e o seu filho José Bernardo, descendentes dos originais proprietários do palácio, levaram a cabo um projeto de restauro no âmbito do projeto Metrópolis, e no ano 2009 a Câmara Municipal cedeu o edifício ao grupo Pestana para a instalação da Pousada do Freixo.

O terreno tem uma forte inclinação, e fica enquadrado numa planta retangular, com quatro torreões nas esquinas, rematados por telhados em pirâmide. Cada fachada é distinta, com frontões decorados, e o dinamismo característico do Barroco é sublinhado por escadarias de lanços opostos e terraços em cotas diferenciadas. Na cenografia é importante a vista desde o rio, já que a quinta fica numa curva do Douro com espetaculares vistas. Robert Smith fez uma descrição de esta vista:

Vista do Douro, portanto, a propriedade apresentava uma série de linhas horizontais correspondentes aos vários níveis dos terraços e marcadas pelas fantásticas curvas de gigantescos muros, pontuadas por imensas jarras e pelo ritmo das ricas balaustradas do paredão, das escadas exteriores e das numerosas sacadas das fachadas do palácio.⁹

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

É, se calhar, das casas presentes neste estudo, a mais alongada do estilo original e mesmo da tradição portuguesa, ao compartilhar mais elementos com as vilas barrocas da Itália que com a tradicional quinta portuguesa.

Segundo Azevedo:

*A própria Casa do Freixo, na sua conceção fechada e muito complexa, permanece bastante afastada das tradições portuguesas e embora na decoração e no arranjo do exterior tenha constituído útil e estimulante lição para os construtores portugueses, revelava, por outro lado, uma noção espacial que nunca foi perfeitamente entendida entre nós.*¹⁰



Figura 43. Palácio do Freixo

10 Azevedo, Carlos de. **Solares portugueses**. 1988.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

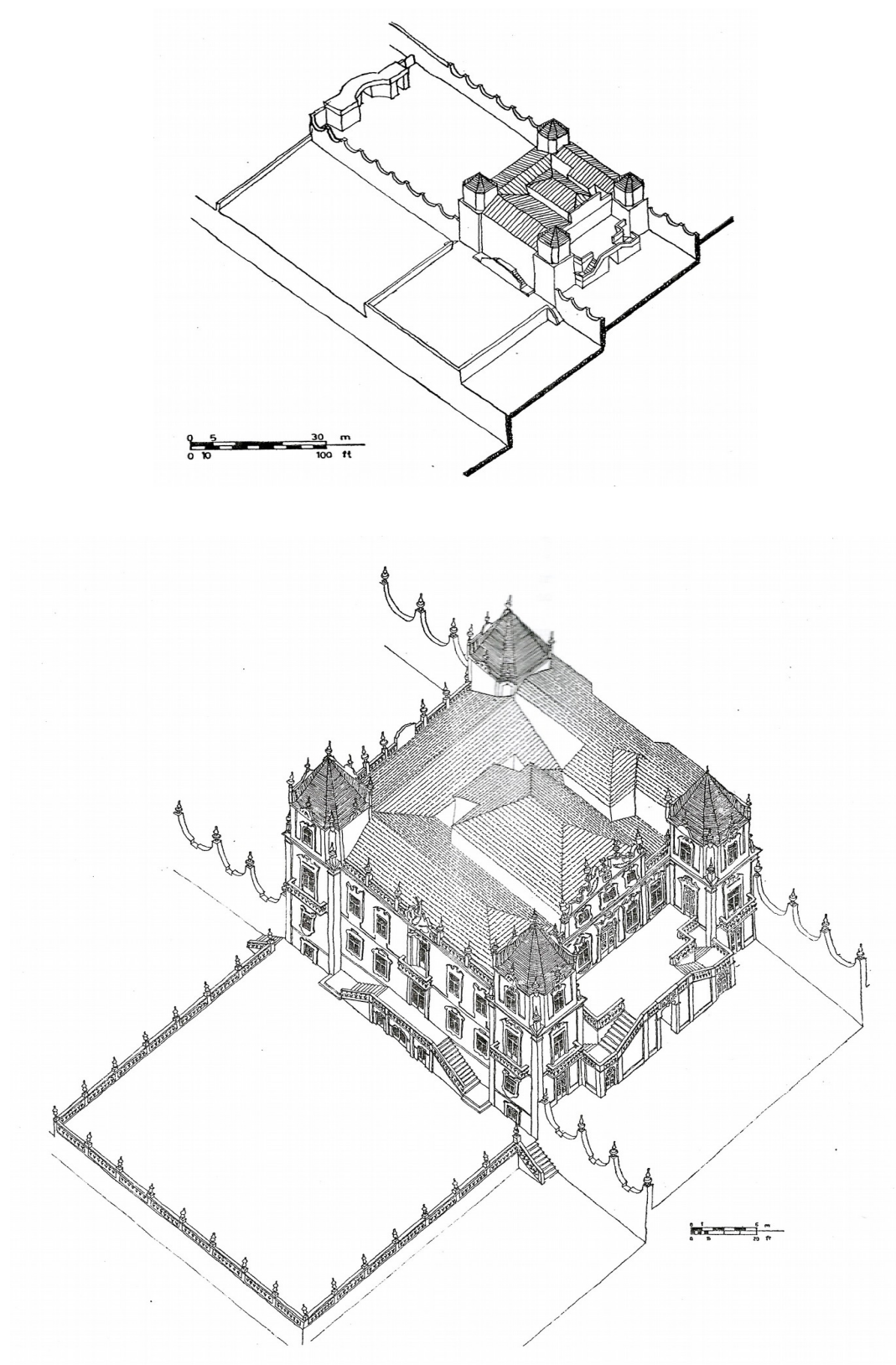


Figura 44. Palácio do Freixo

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

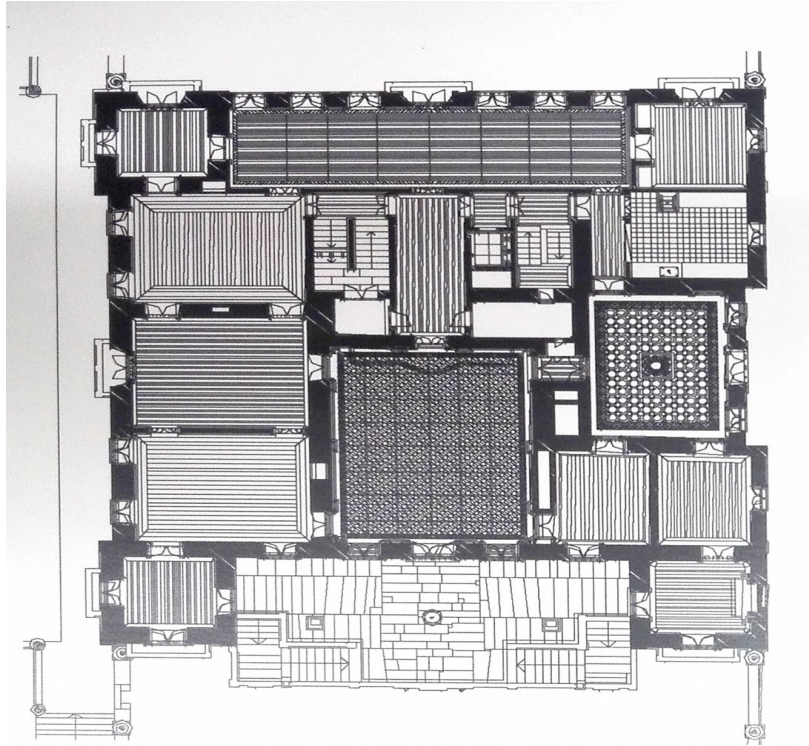


Figura 45. Palácio do Freixo

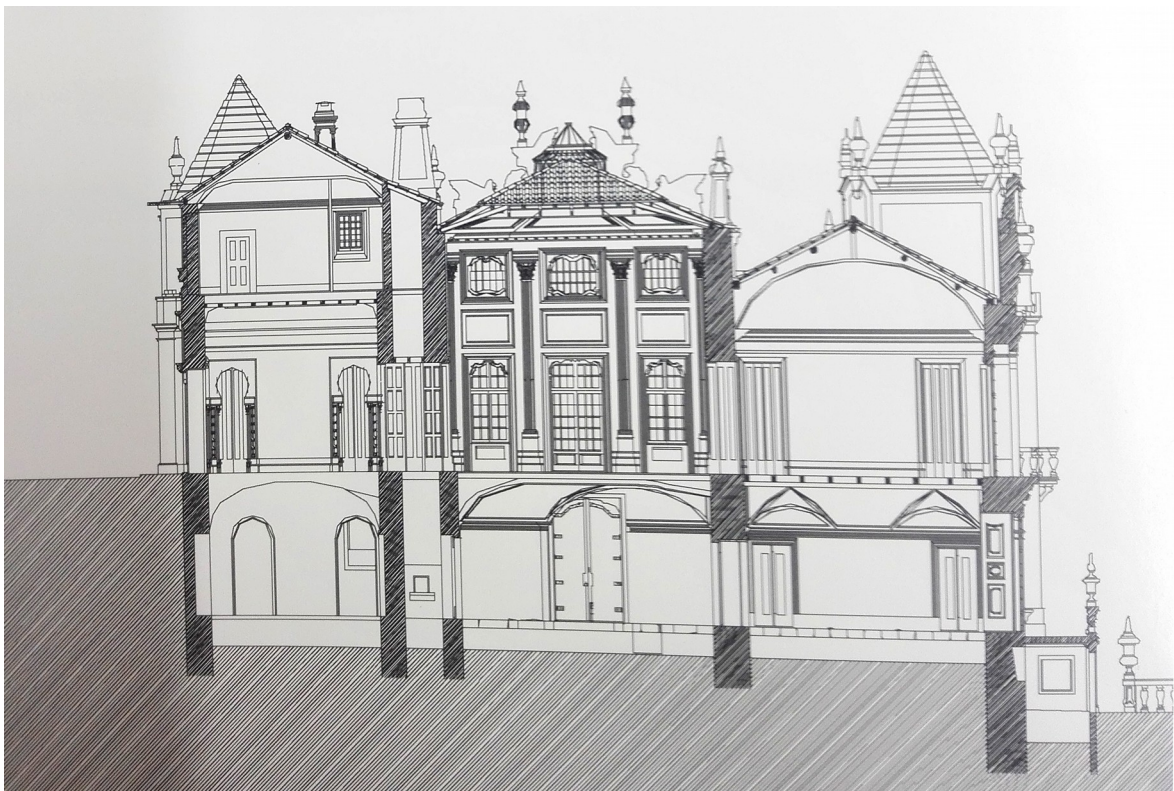


Figura 46. Palácio do Freixo

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

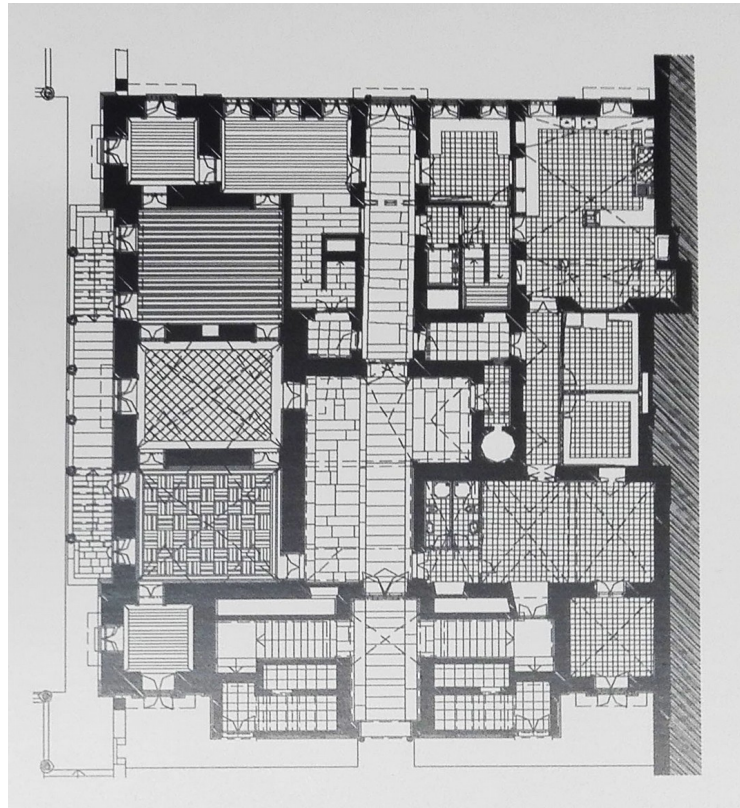


Figura 47. Palácio do Freixo

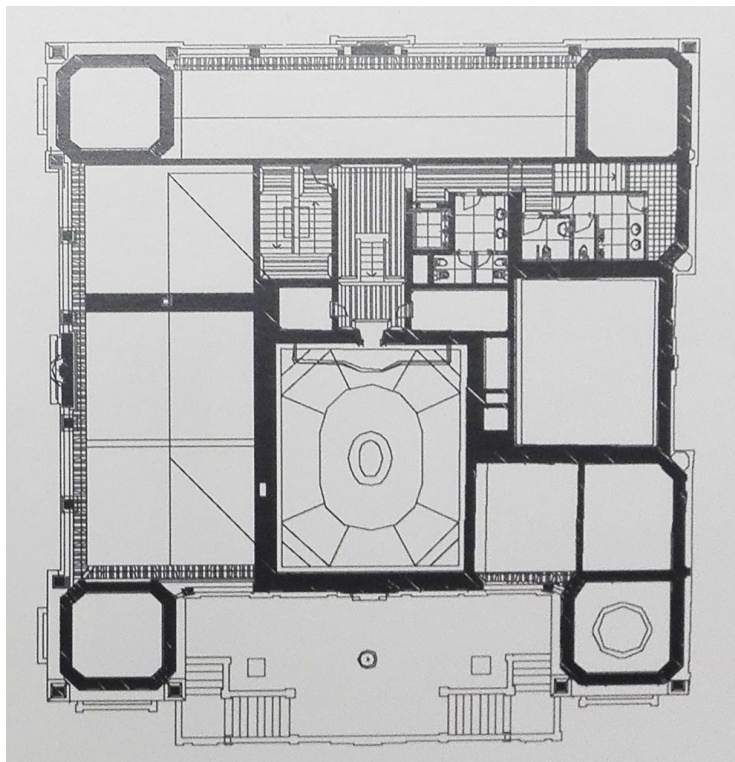


Figura 48. Palácio do Freixo

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

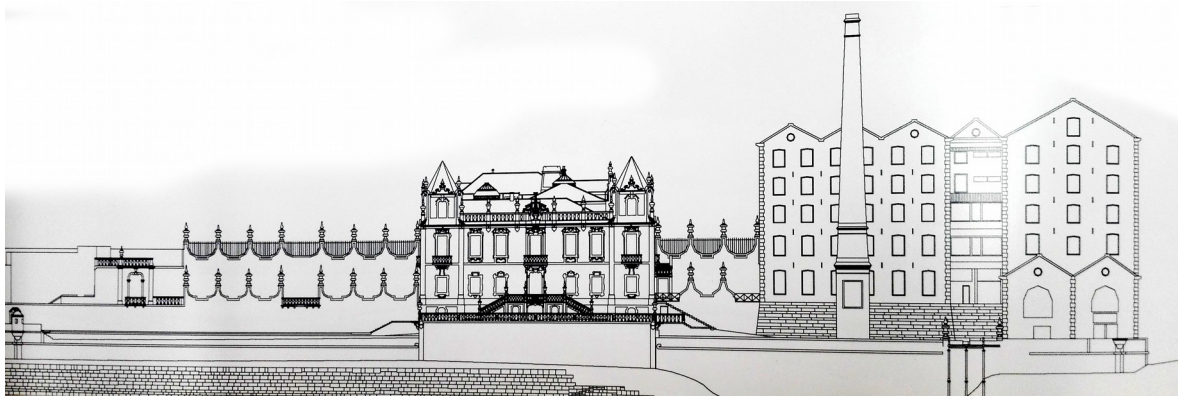


Figura 49. Palácio do Freixo



Figura 50. Palácio do Freixo

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

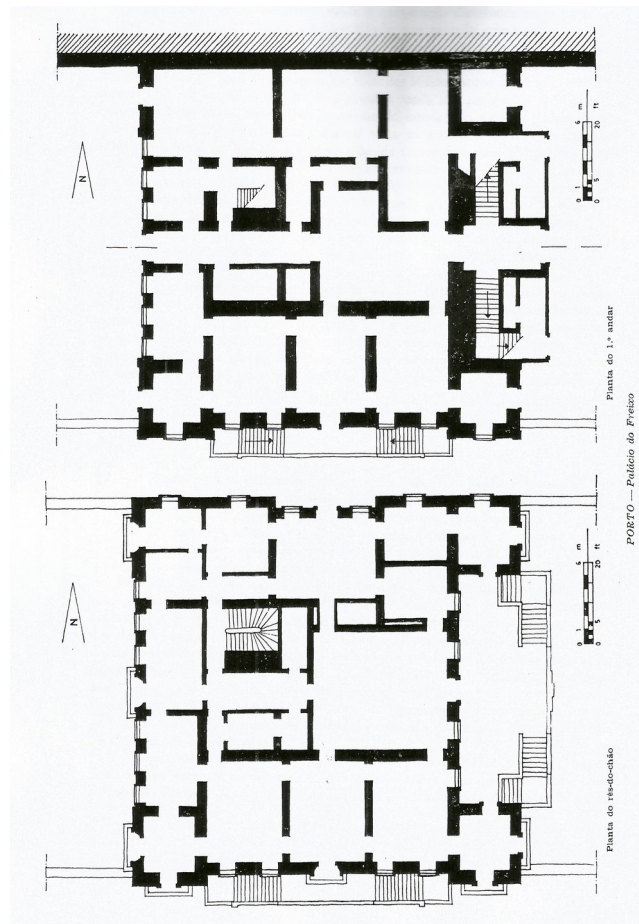
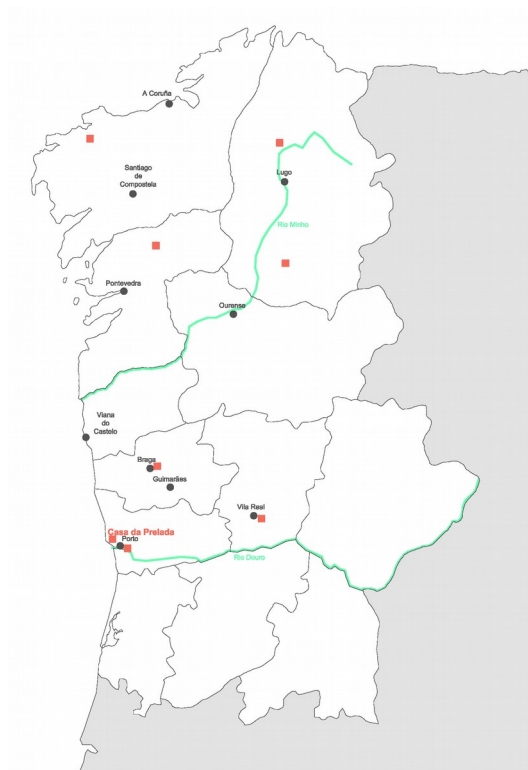


Figura 51. Palácio do Freixo



Figura 52. Palácio do Freixo

3.3.4. Casa da Prelada.



Ramalde, Porto, Portugal.

A casa da Prelada é mais uma obra de Nicolau Nasoni no Porto, um dos seus mais ambiciosos projetos, mas ficou inacabado possivelmente por razões de orçamento.

Nasoni trabalhou neste projeto entre 1743 e 1748 para a família Noronha de Meneses, e ficou na posse desta família até o ano de 1904. Ao morrer sem filhos D. Francisco de Noronha Meneses Portugal, deixou a propriedade à Santa

Casa da Misericórdia. Como testemunha temos a descrição que fez Francisco Mateus Xavier de Carvalho em 1758:

“As cazas estão comesadas com risco de Nasoni, pintor italiano, que vive na cidade do Porto”

A planta original comportava torres nas quatro esquinas, tal como no Palácio do Freixo. Segundo Smith, o fragmento existente da Casa da Prelada não é inteiramente de Nasoni.¹¹

Depois de quatro séculos de sucessivas intervenções na casa, podemos deduzir que a intenção original das quatro torres comportaria uma distribuição espacial distinta das outras casas senhoriais, com dois andares de serviço e um andar nobre.

11 Smith, Robert Chester. **Nicolau Nasoni, arquitecto do Porto.** 1966

Nesta casa o jardim reveste-se de muita importância ao desenvolver Nasoni uma grande obra de jardinaria na extensa quinta que conforma o solar, com especial atenção ao lago e à torre, unindo a casa através duma longa alameda que serve de eixo. Hoje este eixo ficou dividido pela construção da via de cintura interna do Porto. Nos jardins possui também um labirinto.

Foi doado a Santa Casa da Misericórdia para uso hospitalário, mas recentemente houve uma reabilitação para uso cultural e de arquivo histórico. O projeto foi de António Leitão Barbosa. As dificuldades que achou no nível programático foram as de garantir as condições de segurança conservação do património documental do arquivo. Isto levou a criação de novos espaços com uma linguagem contemporânea para albergarem o arquivo histórico.

Recorreu a um sistema construtivo ligeiro em aço e vidro, com painéis orientáveis manualmente para proteger da incidência da luz do sol.



Figura 53. Casa da Prelada a meados do século XX



Figura 54. Casa da Prelada a meados do século XX

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 55. Casa da Prelada no século XXI.



Figura 56. Casa da Prelada no século XXI.

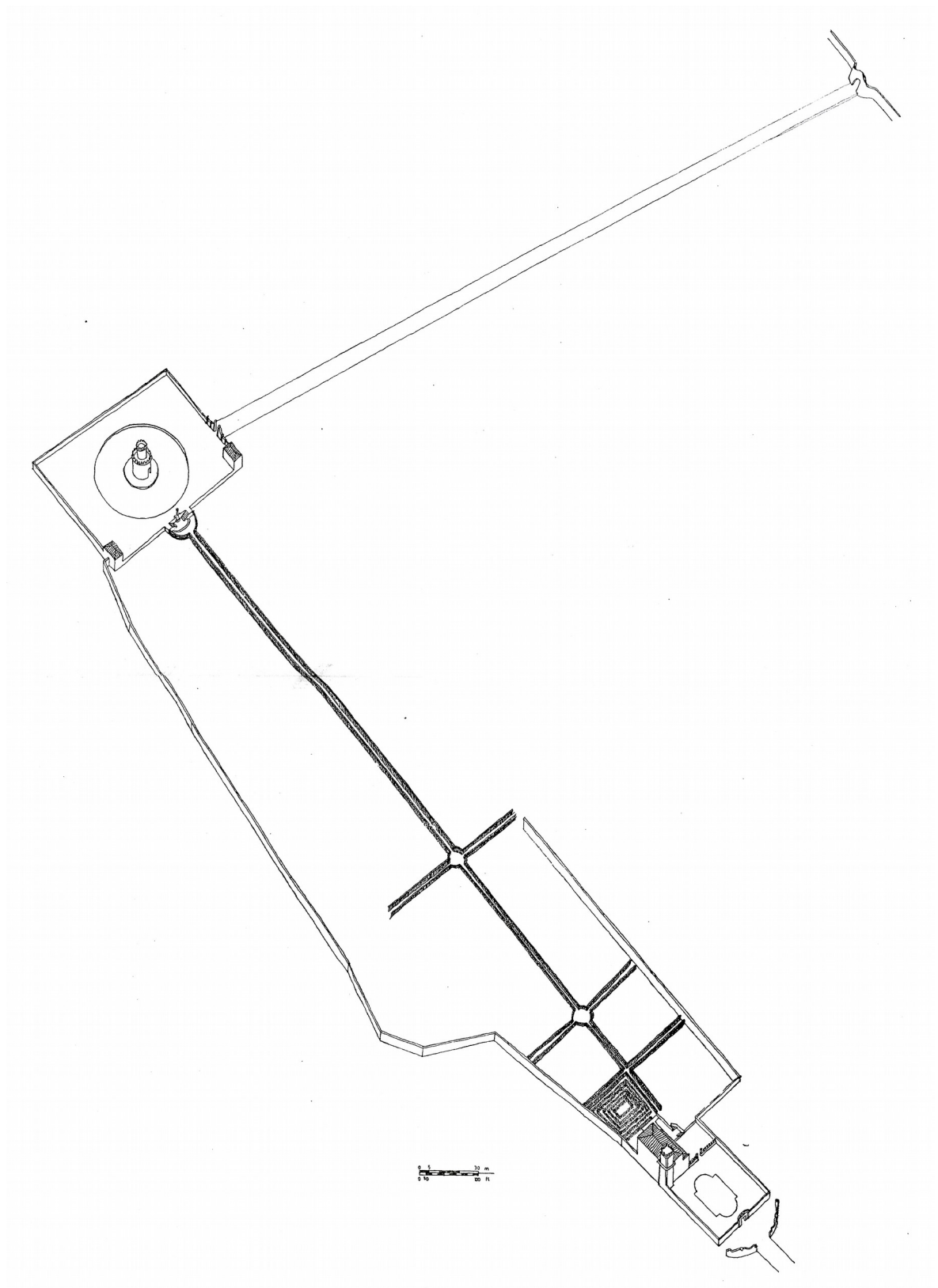


Figura 57. Quinta da Prelada.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

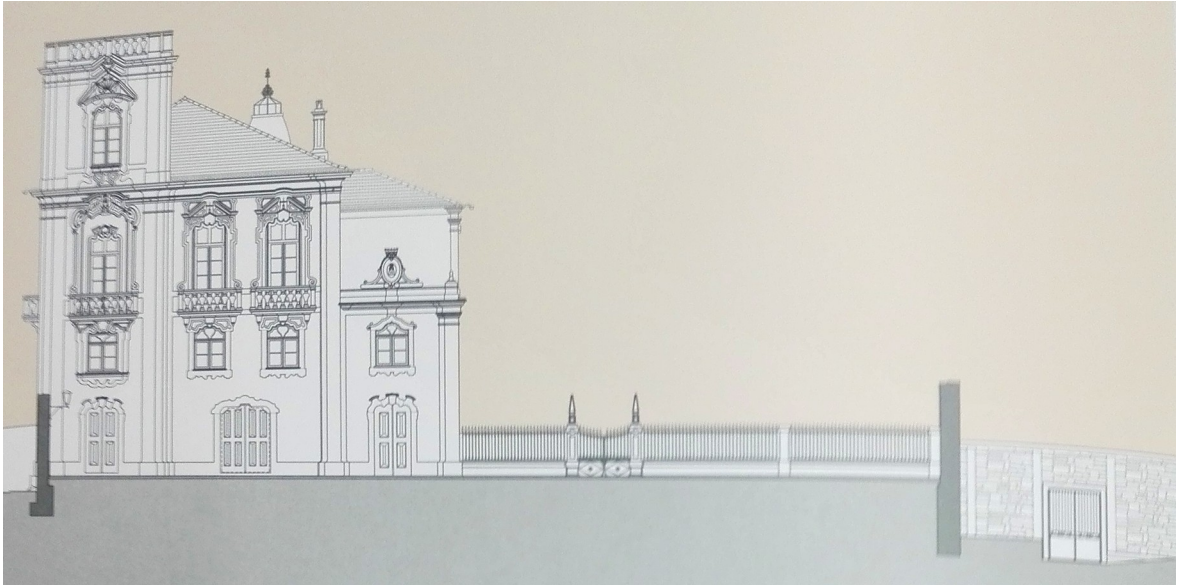


Figura 58. Quinta da Prelada.



Figura 59. Quinta da Prelada.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 60. Quinta da Prelada.

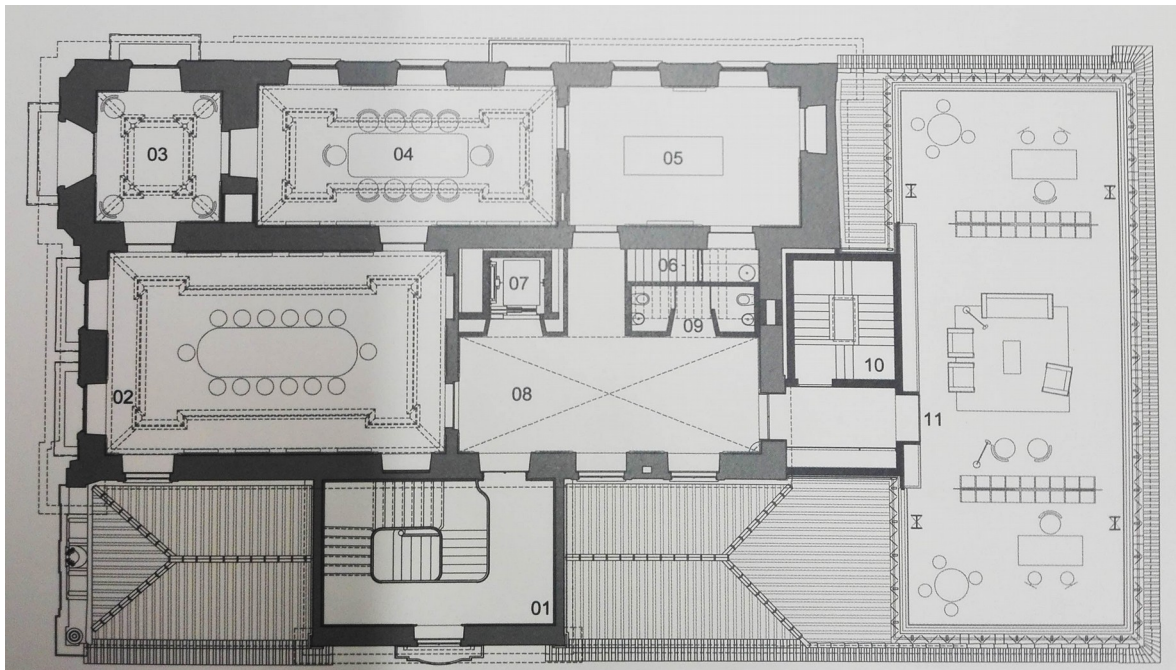


Figura 61. Quinta da Prelada.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

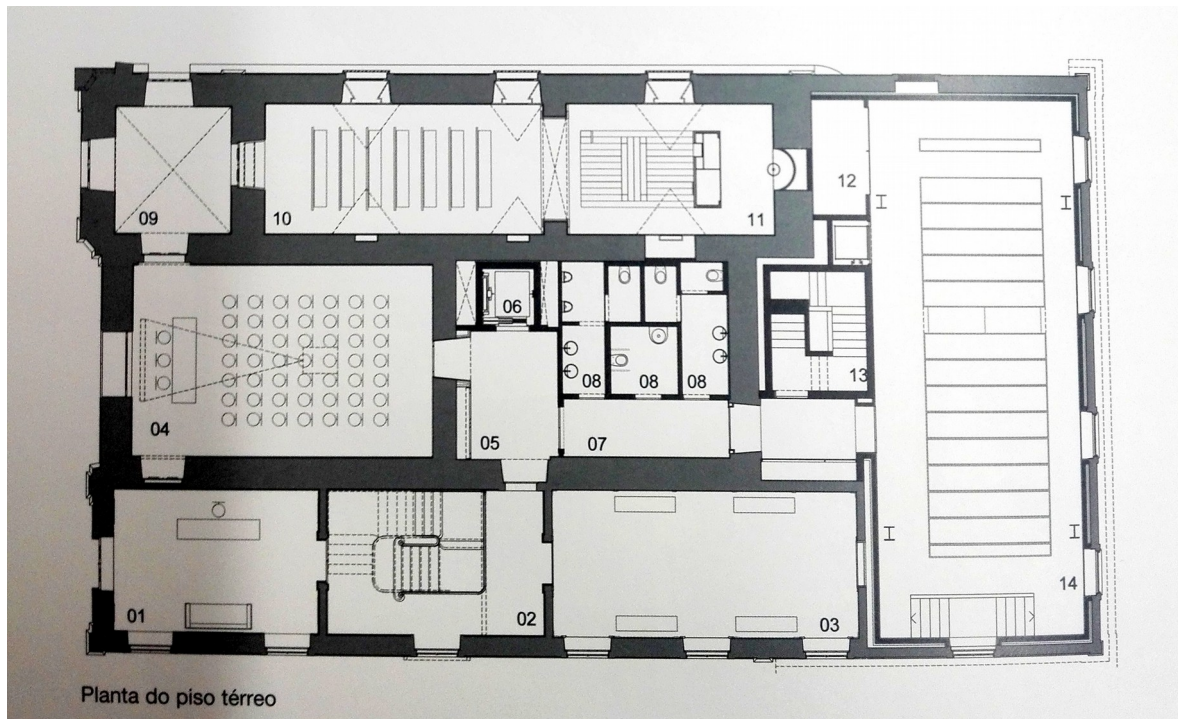


Figura 62. Quinta da Prelada.



Figura 63. Quinta da Prelada.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 64. Quinta da Prelada.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Capítulo 4
A reabilitação.
O caso do palacete da Quinta da Conceição.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

4.1 O palacete.

No percurso da cadeira de Projeto, o exercício proposto foi a reabilitação do palacete da Quinta da Conceição, na freguesia da Leça da Palmeira, com o objetivo de estabelecer uma escola de música.

O palacete foi construído na sequência da extinção do convento franciscano de Nossa Senhora da Conceição, e hoje pertence à câmara municipal de Matosinhos ainda que tenha sido cedido para o uso da Guarda Nacional Republicana. Houve planos de reabilitação para estabelecer um museu da cidade de Matosinhos, mas depois estes planos mudaram e o museu foi direcionado para o palacete do Visconde de Trevões.

É uma pequena casa senhorial de planta em U inscrita num retângulo, quase um quadrado, com o vazio do pátio a partir do qual se faz o acesso à casa. O muro exterior fecha o palacete e é nele que está o brasão da família. Já no pátio, podemos ou subir pelas escadas ao piso nobre ou atravessar pelo piso térreo a través duma galeria que divide este piso de serviço em duas partes, criando um forte eixo longitudinal que atravessa todo o edifício. É possível olhar esta característica divisão também em vários palácios anteriormente vistos, como a casa de Mateus ou a casa da Prelada. A influencia nasoniana na casa nobre portuguesa fica manifesta.

A planta em U, faz-nos recordar à Casa das Ínfias em Braga, de similar disposição no terreno. Lembramos que é uma forma de organização que dá as costas ao terreno envolvente para focalizar-se no pátio. Neste palacete só se aprecia um gesto de relação com a natureza desde a parte este do piso nobre, onde se abre para um pequeno jardim de tipo francês.

Se atravessamos tudo o edifício pela galeria chegamos a compreender como é o terreno, que tem uma diferença de três metros entre a parte posterior e

anterior. Este desnível foi vencido através de uma rampa que leva a parte da quinta.

Na fachada sul, observámos o início do que possivelmente iriam ser mais umas escadas simétricas as do pátio. Ficaram pedras dispostas para suportar o peso das novas escadas mas estas não foram construídas, provavelmente por falta de orçamento ou uma mudança no desenho.

Através das escadas simétricas, que contribuem com monumentalidade para o conjunto, ingressámos no piso nobre por um salão com tetos trabalhados em madeira. É uma característica de todo o andar. Nas alas laterais estabeleceram-se dois salões amplos, e os quartos ficaram na parte posterior do edifício, alinhados noutro eixo, desta vez transversal.

Existe mais uma escada interior para comunicar com o andar de serviço e o andar nobre. Uma escada de madeira trabalhada comunica com ambos os andares. Já no andar nobre existem umas pequenas escadas, alinhadas ao eixo transversal que conduzem ao sótão.

Lateralmente existe um anexo de começos do século XX, adicionado como casa de banho, coisa muito comum nas casas nobres portuenses. Este acréscimo desvirtua a fachada e rompe a sua simetria.

O estado de conservação atual é bom, existindo boa vontade por parte da Guarda Nacional Republicana em respeitar o edifício, o estado das coberturas é ótimo, já que foram renovadas recentemente. Mas existem alguns problemas que é preciso solucionar.

Para uso como posto da Guarda Nacional Republicana foi preciso construir várias divisões no interior do edifício e também no exterior foram construídos dois

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

pequenos anexos de fraca qualidade arquitetónica e que escondem a fachada posterior do edifício.

Existem duas pequenas celas debaixo do terraço, e nas partes onde o seu uso é de escritório, dormitório ou casa de banho, construíram divisões para facilitar a privacidade.

A fachada é de alvenaria rebocada e caiada, com os vãos em pedra, assim como as escadas exteriores. As coberturas são de telha, com telha de beirado para a evacuação de águas.



Figura 65. Palacete da Quinta da Conceição.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



Figura 66. Palacete da Quinta da Conceição.



Figura 67. Palacete da Quinta da Conceição.

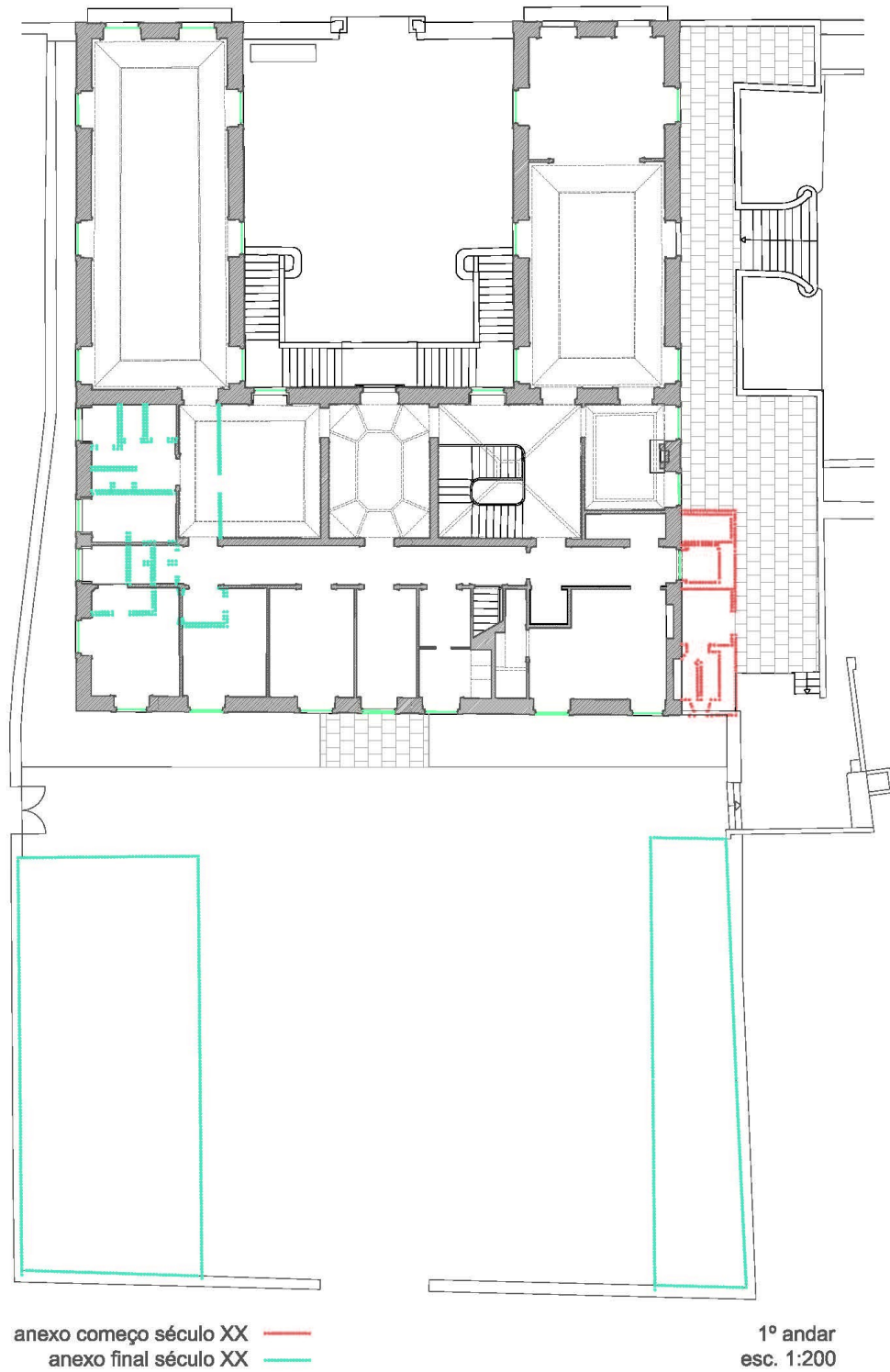
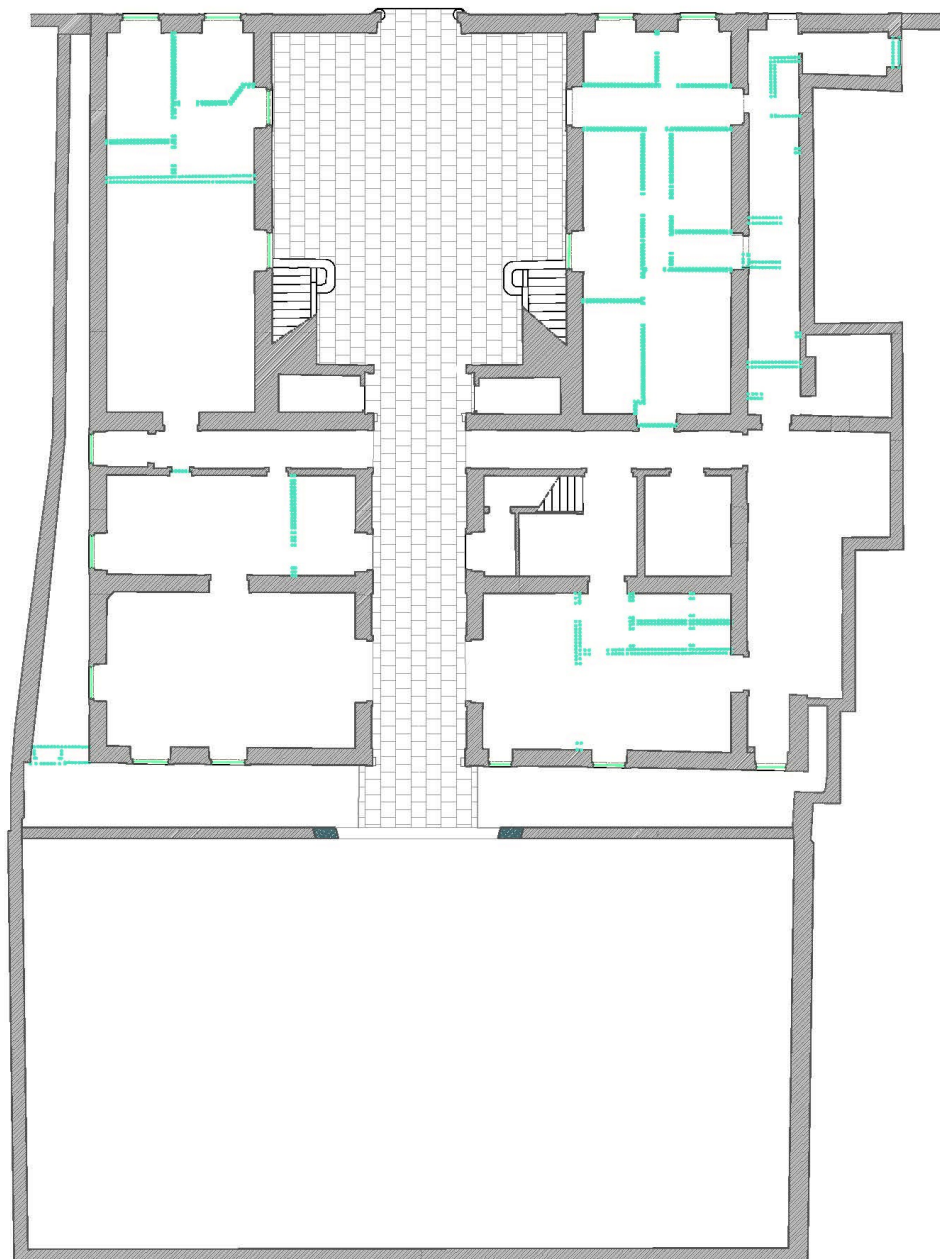


Figura 68. Palacete da Quinta da Conceição.



anexo começo século XX —
anexo final século XX —

rés do chão
esc. 1:200

Figura 69. Palacete da Quinta da Conceição

4.2 A Proposta.

Uma das problemáticas mais importantes para resolver neste projeto é a adequação a um programa com várias condicionantes especiais. Não é só a questão da modernização focalizada no conforto das infraestruturas modernas, mas também, a pretensão de instalar uma escola de música, onde os condicionamentos acústicos se tornam protagonistas.

A escolha fundamental no momento da reabilitação dum edifício com estas características é o que fazer com os caixilhos. A opção de renovar os caixilhos e instalar uns novos que cumpram com as condições acústicas e térmicas vai fazer com que o edifício mude totalmente o seu aspeto exterior. Mas esta classe de caixilharia e de vidros não são adequados para suportar este uso em termos de isolamento sonoro e térmico.

A opção a desenvolver então foi a de instalar um caixilho duplo por trás do já existente, para não modificar os alçados e cumprir com os requisitos técnicos.

A opção de instalar as atividades ruidosas noutra anexo não foi contemplada pela intenção de não acrescentar à superfície construída e inserir todo o programa no interior do edifício existente.

Uma das primeiras decisões foi demolir dois volumes existentes na parte traseira da casa, de fraco valor arquitetónico e difícil encaixe no programa. A área traseira ficou assim livre para fazer um renovado passeio até aos jardins da quinta. Para favorecer a entrada de luz no rés do chão a decisão foi de demolir o muro existente e fazer um novo jardim que acompanha o caminho de subida, aberto em forma triangular para permitir a chegada de luz às janelas. O caminho respeita um dos eixos principais do edifício, que começa no pátio e continua no túnel até ao jardim posterior.

A melhor opção para permitir o conforto no caminho de subida é uma opção mista de rampa e degraus, já que a anterior rampa tinha uma pendente muito forte e não era confortável porque foi desenhada para o uso de carro.

Para recuperar a simetria original do alçado posterior também é demolido o anexo lateral usado para casas de banho.

Antes de entrar no edifício, desde o pátio, temos o acesso à cafetaria, que conforma o primeiro espaço público do edifício juntamente com o pátio. A sua situação permite o seu funcionamento independente do resto do edifício e facilita o seu fornecimento diretamente da rua, bem como a evacuação de fumos da cozinha. Também no rés do chão, existe um auditório de acesso semi-privado e salas de ensaio com arrumação.

Já na área privada temos a cozinha com acesso para funcionários, copa, arrumos, casa de banho para funcionários, e a área técnica com a UTA. A proximidade de este quarto com a UTA à casa de banho pública, permite inserir por esta última as condutas de ventilação em direção ao primeiro andar. Já no interior, a ideia foi conservar as janelas e portas originais onde foi possível. O condicionamento decisivo sobre quais os elementos a conservar e quais renovar foi a acústica. Os quartos onde temos atividade sonora, são isolados e pela impossibilidade de isolar as antigas portas, são renovadas. Nas janelas a decisão é similar, mas para conservar a estética exterior do edifício, é colocado um caixilho duplo nos quartos ruidosos. Nestes quartos também há isolamento pelo interior do muro.

A implantação do elevador por questões de acessibilidade a deficientes motores foi condicionada pela proximidade as escadas interiores e o seu alinhamento com o eixo transversal do primeiro andar.

No primeiro andar temos a entrada principal, o átrio com os tetos trabalhados, comunicando com as escadas e que dão acesso por uma parte às grandes salas e por outra ao outro eixo principal do edifício. Também temos acesso a umas casas de banho para o público.

Este eixo é potenciado ao demolir tabiques a oeste, para que o seu percurso seja todo o edifício. Por este eixo há uma sucessão de pequenas aulas com arrumação, e também as escadas que conduzem a área mais privada do edifício, no segundo andar.

Esta é a zona mais privada, com os gabinetes e salas de reunião para os funcionários. Há também arrumação. Os tabiques originais são demolidos para serem substituídos por vidro que facilite a iluminação e evite a sensação de estar num pequeno quarto.

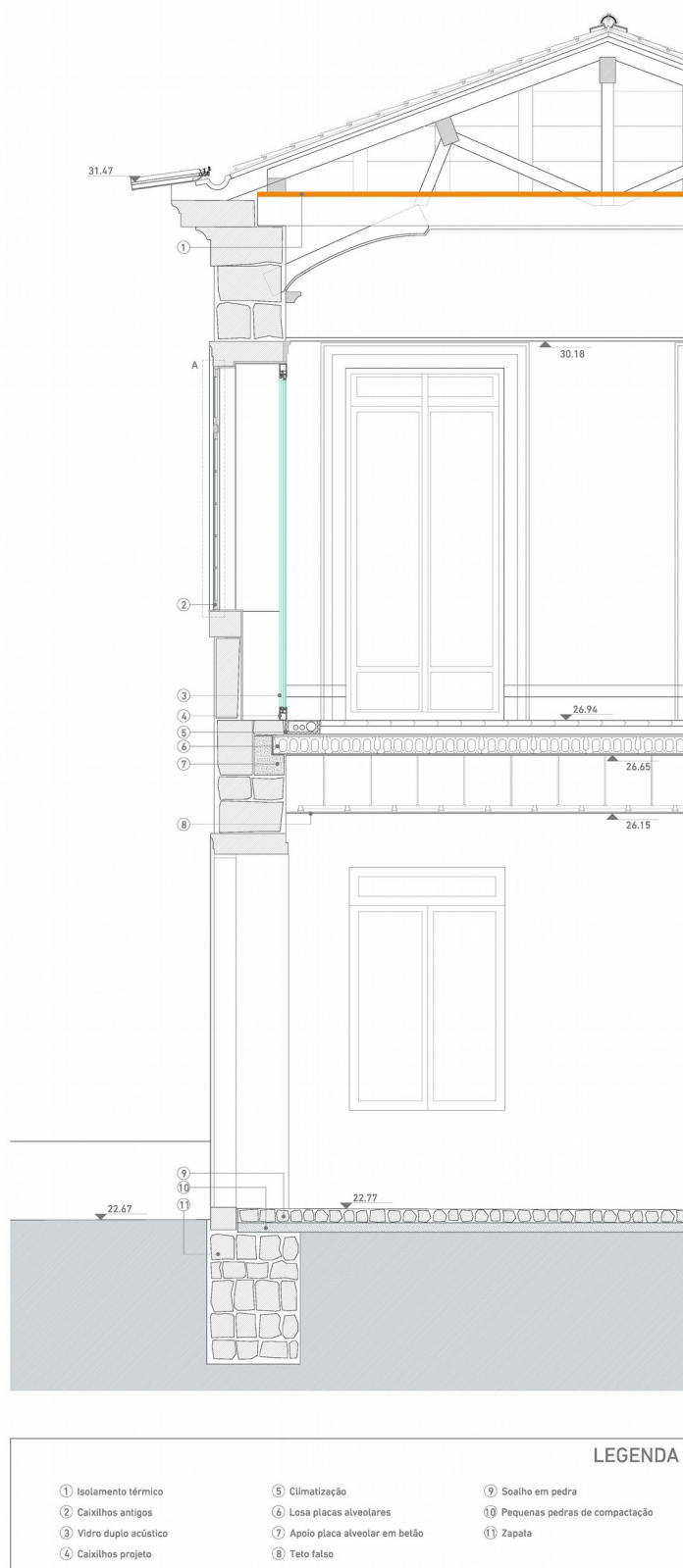
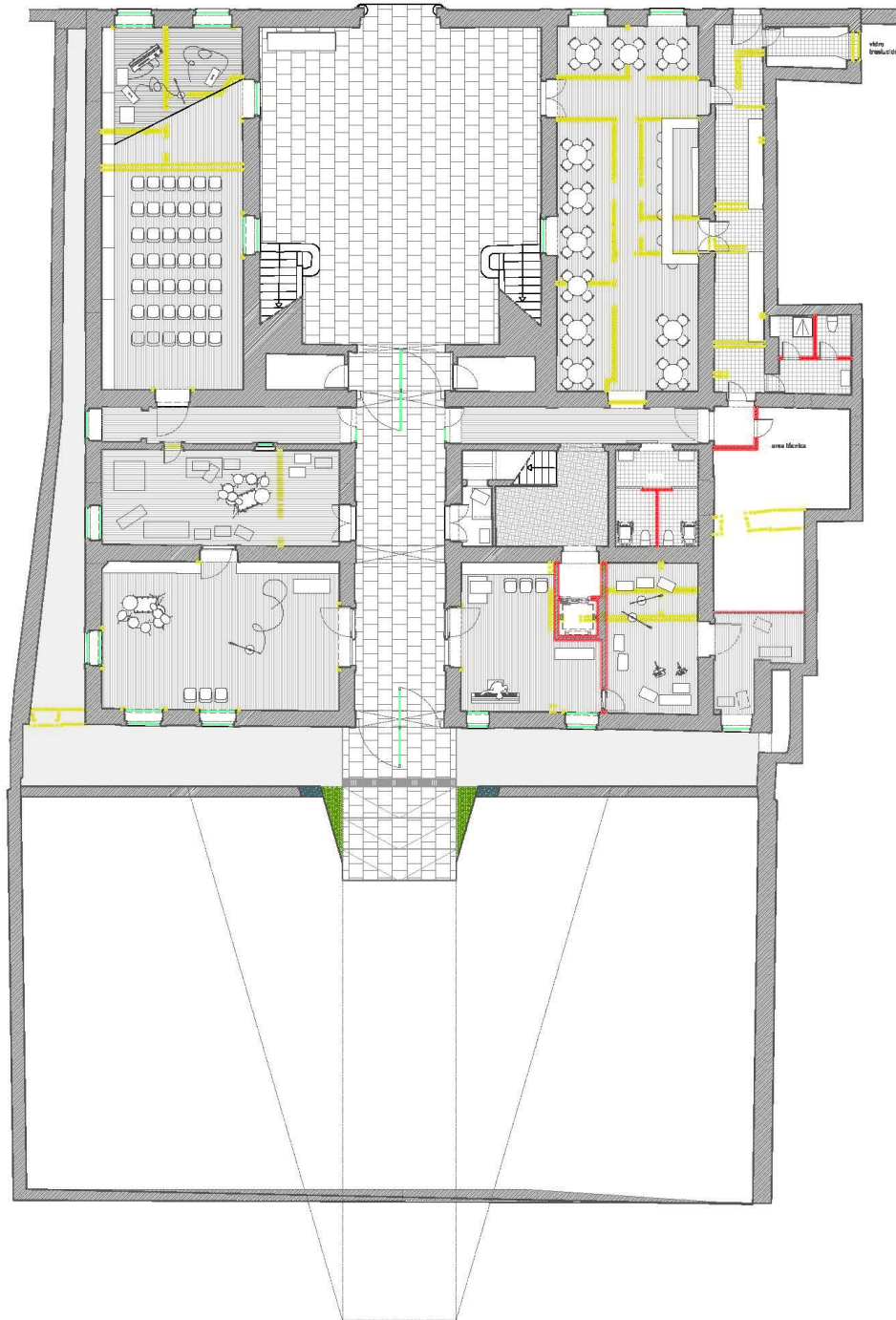


Figura 70. Pormenor construtivo.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



rés do chão
esc. 1:200

Figura 71. Palacete da Quinta da Conceição

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

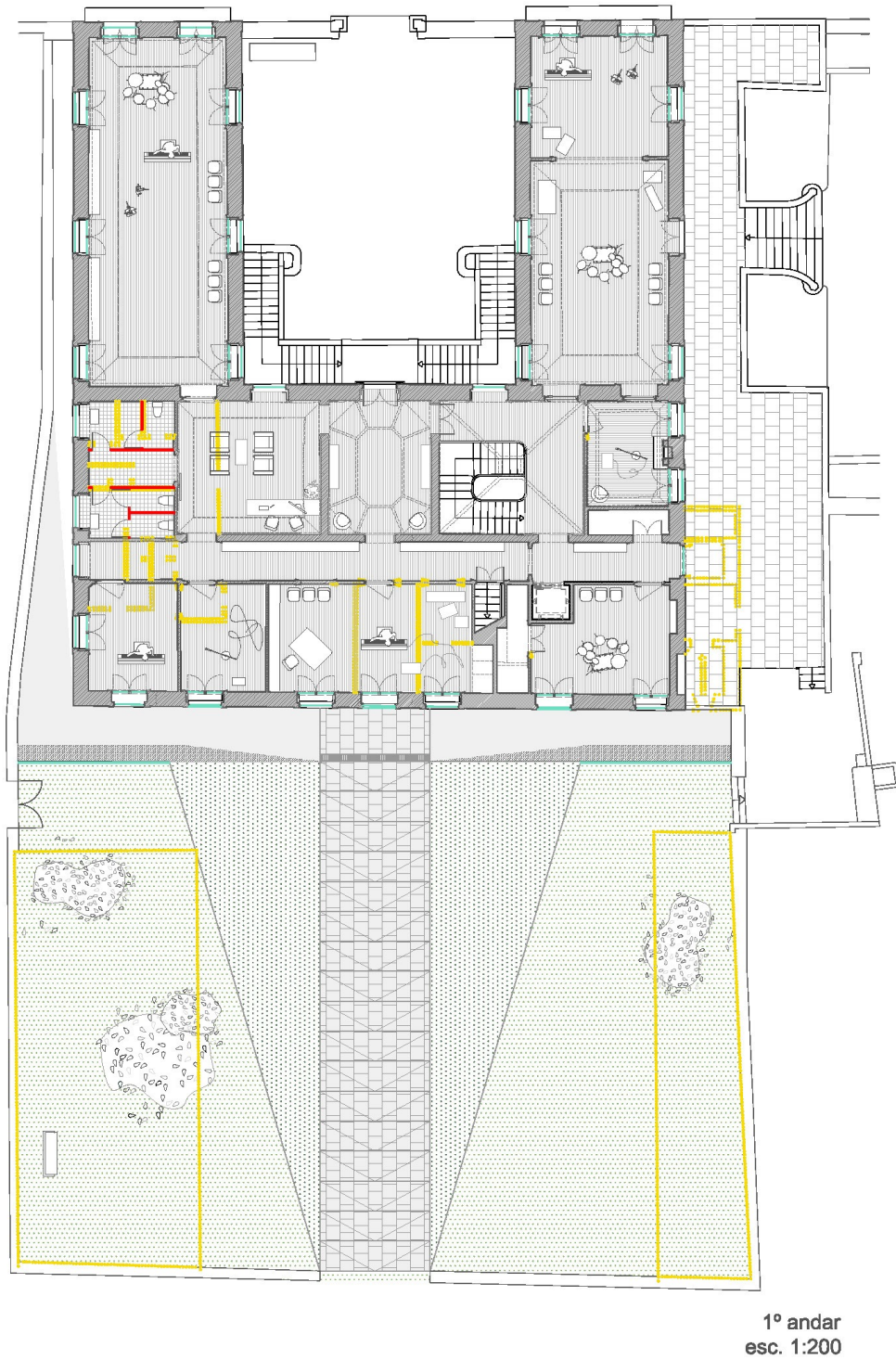


Figura 72. Palacete da Quinta da Conceição

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.



anexo começo século XX —
anexo final século XX —

fachada principal
fachada posterior
esc. 1:200

Figura 73. Palacete da Quinta da Conceição

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

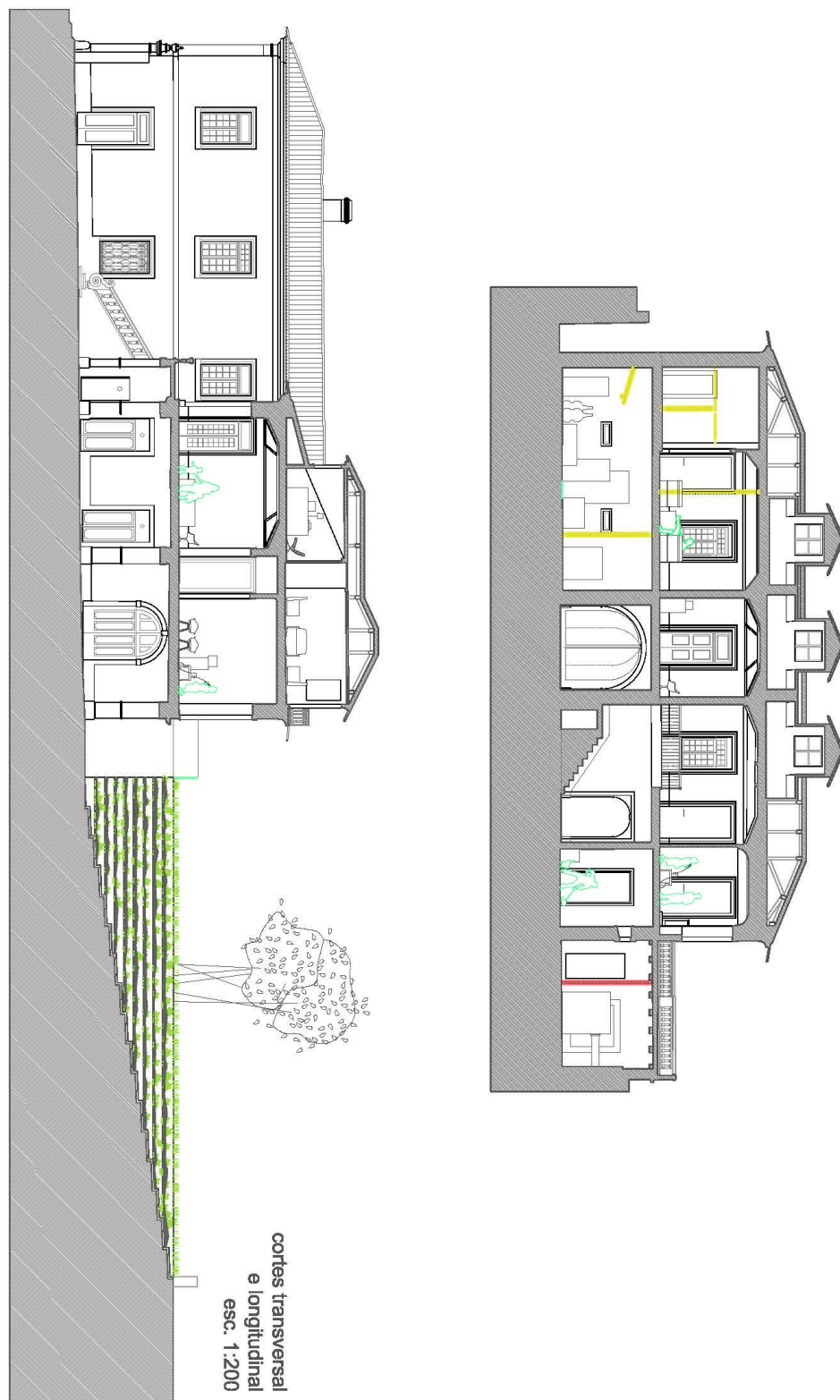


Figura 74. Palacete da Quinta da Conceição

Capítulo 5
Conclusões.
Características comuns e diferenças.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

5. Conclusões, Características comuns e diferenças.

A través dos exemplos apresentados podemos deduzir quais são as características que tornam diferentes as arquiteturas senhoriais do Norte de Portugal e da Galiza, e quais são as semelhanças que fazem com que se aproximem na história da arquitetura.

Além da história e a origem comum partilhada e já comentada, é comum a ideia da materialidade em relação com a envolvente. Uma característica da arquitetura vernácula é o uso dos materiais da zona, e a arquitetura senhorial tem também esta característica pela sua particular relação com o entorno e a natureza, no mínimo até ao século XVIII, onde a situação começa a complicar-se e surgem novos tipos de planta por influência exterior, sobretudo francesa, como a planta em U, mais virada para o interior e o pátio. (por exemplo a casa de Vale de Flores ou o palacete da Quinta da Conceição)

Pela natureza do chão, o material mais comum para levantar estes edifícios é a rocha granítica, também o mais nobre e caro. Uma característica em ambos os lados da fronteira é que quanto mais nobre é o edifício, mais pedra granítica tem em silharia. Quando não é possível fazer tudo em granito, por questões de orçamento ou disponibilidade, emprega-se alvenaria caiada, mas sempre os vãos, portas, janelas, e brasão ficam em pedra.

No Paço de Sistallo a relação com os materiais de construção locais fica patente na materialidade das coberturas. As montanhas de Lugo são muito ricas em ardósia e a telha é pouco usada. Assim as coberturas deste paço foram construídas em ardósia.

As pedreiras da origem da pedra a usar não costuma ficar muito longe do edifício, o que garante a adaptação e resistência dos materiais ao clima.

A organização espacial é também um ponto em comum. No piso térreo, colocam-se as áreas de serviços, e no primeiro andar a área habitacional e nobre. Não costumam ter mais de dois andares, e nos que ainda conservam as torres de origem medieval podem chegar até três andares ou quatro. Isto é comum em todos os exemplos, nos galegos e nos portugueses.

Os elementos a ter em conta para um edifício ser considerado casa senhorial na Galiza ou no norte de Portugal variam, mas sempre é necessária a sua origem nobre, e em consequência, ter o brasão da família. O lugar a ocupar pelo brasão muda segundo a configuração do edifício, mas sempre fica no exterior. Pode ser localizado em muros, frontões ou no cimo das portas.

Uma das diferenças mais notórias é o tratamento da drenagem das águas de chuva. Em Portugal é típica a evacuação de águas mediante a colocação de grandes telhas de beirado. Para isto é preciso que o resto do telhado tenha uma configuração e desenho particulares, com o objetivo de travar a velocidade da água que cai pelo telhado.

Na Galiza, entretanto, é comum o uso de caleiras e mesmo gárgulas para a drenagem de águas pluviais

Outra diferença está nas janelas e nos seus caixilhos. Na Galiza a abertura das janelas é no exterior, o que pode ser interpretado como uma má decisão se temos em conta o clima chuvoso e húmido. Em Portugal temos uma grande variedade de janelas e caixilhos, mas sempre abrem ao interior ou em guilhotina.

Muitas vezes na Galiza as casas senhoriais conservam um bocado do carácter original das torres medievais, da origem militar, e encontram-se muitas que usam ameias e merlões como de remate da fachada.



Figura 75. Paço de Oca.

Como conclusão, as casas senhoriais do norte de Portugal e da Galiza acham-se estreitamente ligadas na sua origem e evolução ao longo dos séculos. A sua origem militar medieval e a mudança política nos séculos seguintes fizeram o resultado no Barroco muito semelhante. Mas na Galiza a evolução ficou um bocado atrás da parte portuguesa pela inovação estilística e tipológica que teve lugar em Portugal nesses anos.

A figura de Nasoni foi determinante na evolução da casa senhorial portuguesa, e a Galiza não teve uma autor destas características, que atuou como catalisador e incorporou novos elementos a uma tipologia de origem vernácula.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Referências

- SMITH, Robert Chester; **Nicolau Nasoni, arquitecto do Porto**. Lisboa, 1966. Livros Horizonte.
- AZEVEDO, Carlos de; **Solares portugueses**. Lisboa, 1988. Livros Horizonte. ISBN 9789722401661
- DURÁN-LORIGA Y SALGADO, Miguel; **Pazos gallegos: materiales para su estudio**. Pontevedra, 2013. Deputación provincial de Pontevedra. ISBN 9788484574040.
- ALVES, Joaquim Ferreira; **A Casa Nobre no Porto na Época Moderna**. Porto, 2001. Edições Inapa. ISBN 9789728387914.
- BAPTISTA, Cristina; CAVACO, Marta; RIBEIRO, José Pinto; LEITE, Armindo; **Quinta e Sao Sebastiao: Uma casa senhorial portuguesa de 1755 á actualidade**. Lisboa, 2007. SGPS.
- FUNDAÇÃO DA CASA DE MATEUS; **Casa de Mateus, catálogo do arquivo**. Vila-Real, 2005. Fundação da Casa de Mateus. ISBN 9729951829.
- GARCÍA BUJÁN, Carlos; **El pazo, sus orígenes y evolución a través del tiempo**. Universidade da Coruña, 1991. ISBN 9788469288450.
- KUBLER, George; **Ars Hispaniae: Arquitectura de los siglos XVII y XVIII**. Madrid, 1957. Ed. Plus Ultra.
- MESQUITA, Leonor Cortez. **O paço de Ois. Coimbra**, 2015. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

- AZEREDO, Francisco de; **Casas senhoriais portuguesas**. 1978. Internationales Burgen-Institut.
- COLEXIO OFICIAL DE ARQUITECTOS DE GALICIA; **Pazos de Galicia, catálogo**. 1990, A Corunha. Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia. ISBN: 84-85665-17-1
- SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús Ángel. **Torres do Allo arquitectura e historia del primer pazo gallego**, 2001. A Coruña : Diputación Provincial. ISBN 8495335524.
- PORTELA, César, **El pazo de Oca**. Madrid, 1984. Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo, Secretaría General Técnica. ISBN 8474333342.
- TÁVORA, Fernando. **A renovação do Palácio do Freixo**. 1750-2003. Porto, 2003. Apor. ISBN 9729892806.
- NORONHA E MENEZES, Francisco de; LEITÃO BARBOSA, António. **Casa da Prelada**. Porto, 2013. Santa Casa da Misericórdia do Porto. ISBN 9789898578105.

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Anexos

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.

Cronologia

- 284 – 409** Província romana da Galécia, que abrange a atual Galiza, Astúrias, parte de Castela e o Norte de Portugal.

- 409** Conquista da Galécia pelos suevos.

- 711** Invasão muçulmana da península Ibérica.

- 868** Estabelecimento do Condado Portucalense por Vímara Peres.

- 1140 ou 1141** Torneio de Arcos de Valdevez.

- 1143** Tratado de Zamora o qual outorga a independência a Portugal.

- 12??** Primeiras construções do Pazo de Oca.

- 13??** Primeiras construções do Pazo de Tor.

- 1431** Irmandade Fusquenlla.

- 1467 - 1469** Grande Guerra Irmandinha.

- 16??** Primeiras construções da Casa de Mateus.
No último terço do século, construção da Casa de Vale de Flores

- 1725** Chegada ao Porto de Nicolau Nasoni.

- 1739 - 1743** Construção da Casa de Mateus.

- **17??** Finalização do Pazo de Oca.
A meados de século, construção do Palácio do Freixo
Edificação do Pazo de Sistallo.
Finalização do Pazo de Tor.
- **18??** Construção dos jardins do Pazo de Oca.
Construção do palacete da Quinta da Conceição.
- **1910** Classificação do Palácio do Freixo como Monumento Nacional.
- **1911** Classificação da Casa de Mateus como Monumento Nacional.
- **1979** Abertura da Casa de Mateus a atividades culturais.
- **2009** Cessão ao grupo Pestana do Palácio do Freixo e abertura como Pousada.

Índice e créditos de figuras

- Figura 1. Gallaecia.....	6
Wikipedia	
https://pt.wikipedia.org/wiki/Gal%C3%A9cia	
- Figura 2. Torreão dos Andrade.....	10
Wikipedia	
https://pt.wikipedia.org/wiki/Torre%C3%A3o_dos_Andrade	
- Figura 3. Torre de Melgaço.....	11
Direção-Geral do Património Cultural.	
http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70300	
- Figura 4. Plantas das torres.....	12
+ (Castelo de Doiras, Fortaleza de Monforte, Torre de Andrade)	
Elaboração própria.	
+ (Torre de Quintela, Torre de Azevedo)	
AZEVEDO, Carlos de; Solares portugueses . Lisboa, 1988. Livros Horizonte. ISBN 9789722401661	
- Figura 5. Torres do Allo.....	14
SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús Ángel. Torres do Allo arquitectura e historia del primer pazo gallego , 2001. A Coruña : Diputación Provincial. ISBN 8495335524.	
- Figura 6. Paço de Sistallo.....	24
Diario Expansión.	
http://www.expansion.com/albumes/2014/04/24/pazo_xviii_galicia/	
- Figura 7. Paço de Sistallo.....	25
Panoramio.	
http://www.panoramio.com/photo/14405586	

- Figura 8. Paço de Sistallo.....	25
COLEXIO OFICIAL DE ARQUITECTOS DE GALICIA; Pazos de Galicia . A Coruña, 1989. Comisión de Cultura do COAG. ISBN 8485665171 pág. 186	
- Figura 9. Paço de Sistallo.....	26
COLEXIO OFICIAL DE ARQUITECTOS DE GALICIA; Pazos de Galicia . A Coruña, 1989. Comisión de Cultura do COAG. ISBN 8485665171 pág. 185	
- Figura 10. Paço de Tor.....	28
DURÁN-LORIGA Y SALGADO, Miguel; Pazos gallegos: materiales para su estudio . Pontevedra, 2013. Deputación provincial de Pontevedra. ISBN 9788484574040. pág. 353	
- Figura 11. Paço de Tor.....	29
- Figura 12. Paço de Tor.....	29
- Figura 13. Paço de Tor.....	30
DURÁN-LORIGA Y SALGADO, Miguel; Pazos gallegos: materiales para su estudio . Pontevedra, 2013. Deputación provincial de Pontevedra. ISBN 9788484574040. pág. 354	
- Figura 14. Paço de Tor.....	31
PERNAS VARELA ARQUITECTOS.	
- Figura 15. Paço de Oca.....	34
- Figura 16. Paço de Oca.....	34
- Figura 17. Paço de Oca.....	35
- Figura 18. Paço de Oca.....	36
Fundación Medinaceli http://www.fundacionmedinaceli.org/monumentos/oca/descubra_historia.aspx	

- **Figura 19.** Paço de Oca.....36
 PORTELA, César, **El pazo de Oca.** Madrid, 1984. Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo, Secretaría General Técnica. ISBN 8474333342.

- **Figura 20.** Paço de Oca.....37
 PORTELA, César, **El pazo de Oca.** Madrid, 1984. Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo, Secretaría General Técnica. ISBN 8474333342.

- **Figura 21.** Torres do Allo.....39
 SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús Ángel. **Torres do Allo arquitectura e historia del primer pazo gallego**, 2001. A Coruña : Diputación Provincial. ISBN 8495335524.

- **Figura 22.** Torres do Allo.....39
 SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús Ángel. **Torres do Allo arquitectura e historia del primer pazo gallego**, 2001. A Coruña : Diputación Provincial. ISBN 8495335524.

- **Figura 23.** Torres do Allo.....40
 COLEXIO OFICIAL DE ARQUITECTOS DE GALICIA; **Pazos de Galicia.** A Coruña, 1989. Comisión de Cultura do COAG. ISBN 8485665171 pág. 71.

- **Figura 24.** Torres do Allo.....40
 XUNTA DE GALICIA.
http://www.turismo.gal/ficha-recurso?cod_rec=280378281&ctre=77

- **Figura 25.** Torres do Allo.....41
 SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús Ángel. **Torres do Allo arquitectura e historia del primer pazo gallego**, 2001. A Coruña : Diputación Provincial. ISBN 8495335524.

- **Figura 26.** Torres do Allo.....41
 SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús Ángel. **Torres do Allo arquitectura e historia del primer pazo gallego**, 2001. A Coruña : Diputación Provincial. ISBN 8495335524.

- **Figura 27.** Torres do Allo.....41
SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús Ángel. **Torres do Allo arquitectura e historia del primer pazo gallego**, 2001. A Coruña : Diputación Provincial. ISBN 8495335524.

- **Figura 28.** Torres do Allo.....42
COLEXIO OFICIAL DE ARQUITECTOS DE GALICIA; **Pazos de Galicia**. A Coruña, 1989. Comisión de Cultura do COAG. ISBN 8485665171 pág. 70

- **Figura 29.** Torres do Allo.....42
SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús Ángel. **Torres do Allo arquitectura e historia del primer pazo gallego**, 2001. A Coruña : Diputación Provincial. ISBN 8495335524.

- **Figura 30.** Casa de Mateus.....45
RIBEIRO, Agostinho, co-autor; LOBO, Albano da Costa, 1958-, fotog.; **A casa de Mateus**. Vilareal. Fundação da Casa de Mateus, D.L. 2006. ISBN 9729951861. pág. 28

- **Figura 31.** Casa de Mateus.....46
RIBEIRO, Agostinho, co-autor; LOBO, Albano da Costa, 1958-, fotog.; **A casa de Mateus**. Vilareal. Fundação da Casa de Mateus, D.L. 2006. ISBN 9729951861. pág. 29

- **Figura 32.** Casa de Mateus.....47
Mapio..
<http://mapio.net/o/1601176/>

- **Figura 33.** Casa de Mateus.....47
Ncultura..
<http://ncultura.pt/palacio-de-mateus-vila-real/>

- **Figura 34.** Casa de Mateus.....48
RIBEIRO, Agostinho, co-autor; LOBO, Albano da Costa, 1958-, fotog.; **A casa de Mateus**. Vilareal. Fundação da Casa de Mateus, D.L. 2006. ISBN 9729951861. pág. 31.

- **Figura 35.** Casa de Mateus.....48
RIBEIRO, Agostinho, co-autor; LOBO, Albano da Costa, 1958-, fotog.; **A casa de Mateus.**
Fundação da Casa de Mateus, D.L. 2006. ISBN 9729951861. pág. 26

- **Figura 36.** Casa de Mateus.....49
SMITH, Robert Chester; **Nicolau Nasoni, arquiteto do Porto.** Lisboa, 1966. Livros
Horizonte. pág. 99

- **Figura 37.** Casa de Mateus.....50
AZEVEDO, Carlos de; **Solares portugueses.** Lisboa, 1988. Livros Horizonte. ISBN
9789722401661, pág. 88

- **Figura 38.** Casa de Mateus.....50
NUNES DA PONTE, Teresa.
<http://www.tnp.pt>

- **Figura 39.** Casa de Mateus.....51
NUNES DA PONTE, Teresa.
<http://www.tnp.pt>

- **Figura 40.** Casa de Vale de Flores.....53
Geni.com
<https://www.geni.com/people/Jacome-Borges-Pacheco-senhor-do-morgado-de-Val-de-Flores-de-Infias/6000000035179439520>

- **Figura 41.** Casa de Vale de Flores.....53
Conhecer Portugal.
<http://conhecerportugal.com/ponto-interesse/casa-vale-flores-infias>

- **Figura 42.** Casa de Vale de Flores.....54
AZEVEDO, Carlos de; **Solares portugueses.** Lisboa, 1988. Livros Horizonte. ISBN
9789722401661. pág. 59

- **Figura 43.** Palácio do Freixo.....57
- **Figura 44.** Palácio do Freixo.....58
SMITH, Robert Chester; **Nicolau Nasoni, arquiteto do Porto.** Lisboa, 1966. Livros Horizonte. pág. 152
- **Figura 45.** Palácio do Freixo.....59
TÁVORA, Fernando. **A renovação do Palácio do Freixo.** 1750-2003. Porto, 2003. Apor. ISBN 9729892806.
- **Figura 46.** Palácio do Freixo.....59
TÁVORA, Fernando. **A renovação do Palácio do Freixo.** 1750-2003. Porto, 2003. Apor. ISBN 9729892806.
- **Figura 47.** Palácio do Freixo.....60
TÁVORA, Fernando. **A renovação do Palácio do Freixo.** 1750-2003. Porto, 2003. Apor. ISBN 9729892806
- **Figura 48.** Palácio do Freixo.....60
TÁVORA, Fernando. **A renovação do Palácio do Freixo.** 1750-2003. Porto, 2003. Apor. ISBN 9729892806
- **Figura 49.** Palácio do Freixo.....61
TÁVORA, Fernando. **A renovação do Palácio do Freixo.** 1750-2003. Porto, 2003. Apor. ISBN 9729892806
- **Figura 50.** Palácio do Freixo.....61
TÁVORA, Fernando. **A renovação do Palácio do Freixo.** 1750-2003. Porto, 2003. Apor. ISBN 9729892806
- **Figura 51.** Palácio do Freixo.....62
SMITH, Robert Chester; **Nicolau Nasoni, arquiteto do Porto.** Lisboa, 1966. Livros Horizonte. pág. 158

- **Figura 52.** Palácio do Freixo.....62
Wikimedia Commons.
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pousada_do_Pal%C3%A1cio_do_Freixo_-_Porto_\(1\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pousada_do_Pal%C3%A1cio_do_Freixo_-_Porto_(1).jpg)

- **Figura 53.** Casa da Prelada.....64
SILVA, António Lambert Pereira da; **Nobres casas de Portugal, 1º vol.** Porto, 1958.
Livros Tavares Martins. pág. 41

- **Figura 54.** Casa da Prelada64
SILVA, António Lambert Pereira da; **Nobres casas de Portugal, 1º vol.** Porto, 1958.
Livros Tavares Martins. pág. 42

- **Figura 55.** Casa da Prelada.....65
Alta sensibilidade.
<http://altasensibilidade.blogs.sapo.pt/tag/prelada>

- **Figura 56.** Casa da Prelada.....65
Wikimedia Commons.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Casa_da_Prelada_-_Port%C3%A3o.jpg

- **Figura 57.** Quinta da Prelada.....66
SMITH, Robert Chester; **Nicolau Nasoni, arquiteto do Porto.** Lisboa, 1966. Livros Horizonte. pág. 161

- **Figura 58** Quinta da Prelada.....67
NORONHA E MENEZES, Francisco de; LEITÃO BARBOSA, António. **Casa da Prelada.** Porto, 2013. Santa Casa da Misericórdia do Porto. ISBN 9789898578105.

- **Figura 59** Quinta da Prelada.....67
NORONHA E MENEZES, Francisco de; LEITÃO BARBOSA, António. **Casa da Prelada.** Porto, 2013. Santa Casa da Misericórdia do Porto. ISBN 9789898578105.

- **Figura 60** Quinta da Prelada.....68
NORONHA E MENEZES, Francisco de; LEITÃO BARBOSA, António. **Casa da Prelada.**
Porto, 2013. Santa Casa da Misericórdia do Porto. ISBN 9789898578105.

- **Figura 61** Quinta da Prelada.....68
NORONHA E MENEZES, Francisco de; LEITÃO BARBOSA, António. **Casa da Prelada.**
Porto, 2013. Santa Casa da Misericórdia do Porto. ISBN 9789898578105.

- **Figura 62** Quinta da Prelada.....69
NORONHA E MENEZES, Francisco de; LEITÃO BARBOSA, António. **Casa da Prelada.**
Porto, 2013. Santa Casa da Misericórdia do Porto. ISBN 9789898578105.

- **Figura 63** Quinta da Prelada.....69
NORONHA E MENEZES, Francisco de; LEITÃO BARBOSA, António. **Casa da Prelada.**
Porto, 2013. Santa Casa da Misericórdia do Porto. ISBN 9789898578105.

- **Figura 64** Quinta da Prelada.....70
NORONHA E MENEZES, Francisco de; LEITÃO BARBOSA, António. **Casa da Prelada.**
Porto, 2013. Santa Casa da Misericórdia do Porto. ISBN 9789898578105.

- **Figura 65.** Palacete da Quinta da Conceição.....75
Elaboração própria.

- **Figura 66.** Palacete da Quinta da Conceição.....76
Elaboração própria.

- **Figura 67.** Palacete da Quinta da Conceição.....76
Elaboração própria.

- **Figura 68.** Palacete da Quinta da Conceição.....77
Elaboração própria.

- **Figura 69.** Palacete da Quinta da Conceição.....78
Elaboração própria.

- Figura 70. Palacete da Quinta da Conceição.....	82
Elaboração própria.	
- Figura 71. Palacete da Quinta da Conceição.....	83
Elaboração própria.	
- Figura 72. Palacete da Quinta da Conceição.....	84
Elaboração própria.	
- Figura 73. Palacete da Quinta da Conceição.....	85
Elaboração própria.	
- Figura 74. Palacete da Quinta da Conceição.....	86
Elaboração própria.	
- Figura 75. Paço de Oca	91

A casa nobre e senhorial no norte de Portugal e na Galiza. Relações, evolução e reabilitação.